

As memórias d'Aldeia -
Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendaís
Relatório de projeto

Joana Patrícia Correia Faria

Trabalho realizado sob a orientação de

Professor Rui Santos

Aldeia, 31 de março de 2023

Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social

ESCOLA SUPERIOR DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS SOCIAIS

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LEIRIA

La inteligencia que le rinde a un país es la inteligencia distribuida. Es la que no está sólo guardada en los laboratorios o las universidades, sino la que anda por la calle. La inteligencia que se usa para sembrar, para tornear, para manejar un autoelevador o para programar una computadora. Para cocinar, para atender bien a un turista, es la misma inteligencia. Para todo se precisa la misma mirada curiosa, hambrienta de conocimiento y muy inconformista. Se termina sabiendo, porque antes supimos estar incómodos por no saber. Aprendemos porque tenemos picazón y eso se adquiere por contagio cultural. (Mujica, 2009)

AGRADECIMENTOS

A todos os que me rodeiam na pequena Aldeia,

À minha família que me acompanha sempre nos caminhos que decido escolher e nas aventuras que me decido meter, com palavras de carinho e mostras de amor,

Ao meu orientador Rui Santos por toda a disponibilidade e simpatia durante um processo longo, sempre com espaço para conversa, trocas de ideias e formas de melhoria.

À equipa da Casa d'Abóbora que sempre se junta às minhas aventuras e que são uma família que se criou e que será para toda a vida, os meus abobórinhas.

Ao Nali, por me apoiar no desafio que são os trabalhos académicos, conseguindo aturar as minhas alterações de humor de felicidade para ansiedade, puxando sempre para que conseguisse terminar este grande desafio que foi o relatório, e por estar sempre presente.

À ADACC por confiar sempre nas propostas que lhes fazemos, aceitando sempre com um sorriso na cara.

À Dina por confiar o seu museu nas minhas mãos e por acreditar que podemos tornar a nossa zona rural um espaço cada vez mais colaborativo.

A todos os habitantes de Ferreiros de Tendais!

RESUMO

Este projeto nasce do convite para participar no desenvolvimento do Museu de Ferreiros de Tendais, sediado em Ferreiros (Cinfães, Viseu) de parte da Associação para o Desenvolvimento e Cultura de Ferreiros de Tendais (ADCFT) à associação Casa d'Abóbora – Associação Juvenil. Este relatório constitui o projeto final do segundo ano do Mestrado em Mediação Intercultural e Intervenção Social de 2020/2021.

A mestranda ao ser cofundadora da associação Casa d'Abóbora e atual colaboradora criou esta ponte de forma a aprofundar os temas da colaboração e mediação comunitária através da criação de uma estrutura colaborativa

Na freguesia de Ferreiros de Tendais, atualmente com um decréscimo de população de aproximadamente 20% em dez anos, a necessidade de preservação do património e das memórias do lugar torna-se essencial. Dessa forma, o presente projeto procura através de entrevistas e questionários apresentados aos habitantes da freguesia de Ferreiros de Tendais, uma forma de estes darem o seu contributo para o museu da sua freguesia, através de partilha sobre que artefactos e informações deveriam estar no museu de forma que este seja representativo. Para além da questão de cocriação do museu em conjunto com os fregueses, através de uma mediação intercultural participada, foi cedido apoio à ADCFT na catalogação, estrutura de museu, *branding* e proposta de novos projetos futuros, como a elaboração de um livro da linguagem popular local.

Neste relatório, oferece-se uma apresentação do contexto do enquadramento do projeto, apresentação de resultados das ferramentas para a colaboração dos fregueses, bem como atividades já desenvolvidas e uma apresentação das restantes que estão planeadas para a pós-abertura do museu. A metodologia utilizada descreve-se como qualitativa, participativa, colaborativa, transformativa e flexível de forma que o feedback dos participantes adapte o caminho do projeto através dum formato de investigação-ação.

ABSTRACT

This project was born out of an invitation to participate in the development of the Museum of Ferreiros de Tendais, based in Ferreiros (Cinfães, Viseu) on behalf of the Associação para o Desenvolvimento e Cultura de Ferreiros de Tendais (ADCFT) and the association Casa d'Abóbora – Associação Juvenil. This report constitutes the final project of the second year of the Master in Intercultural Mediation and Social Intervention of 2021/2022.

The master's student, being co-founder of the Casa d'Abóbora association and current collaborator, created this bridge to deepen the themes of collaboration and community mediation through the creation of a collaborative structure.

In the parish of Ferreiros de Tendais, currently with a population decrease of approximately 20% in ten years, the need to preserve the heritage and memories of the place becomes essential. In this way, the present project seeks, through interviews and questionnaires presented to the inhabitants of the parish of Ferreiros de Tendais, a way for them to give their contribution to the museum of their parish, through sharing about which artefacts and information should be in the museum that it is representative. In addition to the issue of co-creation of the museum together with the customers, support was given to the ADCFT in cataloguing, museum structure, branding and the proposal of new future projects, such as the elaboration of a book on the local popular language.

In this report, a presentation of the context of the project framework is offered, a presentation of the results of the tools for the collaboration of participants, as well as activities already carried out and a presentation of the rest that are planned for the post-opening of the museum. The methodology used is described as qualitative, participatory, collaborative, transformative and flexible so that feedback from participants adapts the path of the project through an action-research format.

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	3
RESUMO	4
ABSTRACT	5
ÍNDICE GERAL	6
ÍNDICE DE FIGURAS	8
ÍNDICE DE TABELAS	9
INTRODUÇÃO.....	10
1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO	13
1.1. Enquadramento contextual do relatório	13
1.2. Enquadramento teórico da problemática do relatório.....	16
1.2.1. Mediação intercultural e o caso rural de Ferreiros de Tendais.....	17
1.2.2. Preservação das memórias.....	20
1.2.3. Cocriação do museu.....	22
2. DIÁGNOSTICO SOCIAL: PROBLEMÁTICAS, NECESSIDADES E EXPECTATIVAS	25
2.1. Análise comparativa das entrevistas realizadas aos utentes da Associação para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães e à Presidente da ADCFT	26
2.2. Análise dos questionários realizados na freguesia de Ferreiros de Tendais sobre importância do museu.....	29
2.3. Delimitação da problemática	34
2.4. Delimitação das necessidades	38
2.5. Localização do projeto.....	40
3. PLANIFICAÇÃO.....	42
3.1. Objetivos.....	42

3.2.	Metodologia	43
3.3.	Plano de atividades	45
3.4.	Estrutura do Museu de Ferreiros de Tendais	46
3.5.	Elaboração do “Dicionário de Linguagem Popular”	48
3.6.	<i>Branding</i> e criação da plataforma digital do Museu de Ferreiros de Tendais .	49
3.7.	Calendarização de atividades do projeto.....	51
3.8.	Recursos	52
4.	APLICAÇÃO-EXECUÇÃO DO MUSEU DE FERREIROS DE TEND AIS	53
5.	AVALIAÇÃO	55
6.	REFLEXÕES FINAIS.....	59
	Bibliografia.....	61
	ANEXOS.....	65
	Anexo I (Transcrição entrevista presidente ADCFT).....	65
	Anexo II (Transcrição entrevistas utentes ADACC).....	78
	Anexo III (Grelha análise entrevistas).....	97
	Anexo IV (Questionário para o Museu de Ferreiros de Tendais).....	110
	Anexo V (Grelha análise questionários).....	112
	Anexo VI (Catálogo Museu de Ferreiros de Tendais).....	113

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Freguesias do concelho de Cinfães - fonte: Geneall (s.d.).....	14
Figura 2. Departamento de Património Imaterial e Instituto dos Museus e da Conservação, 2011	20
Figura 3. Proporção de participantes segundo o seu lugar de residência	31
Figura 4. Distribuição dos participantes segundo a sua faixa etária.....	32
Figura 5. Distribuição dos participantes segundo o seu género.	32
Figura 6. Orçamento Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendaís 2019. Fonte: Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendaís	36
Figura 7. Apoio concedido às entidades associativas de Ferreiros de Tendaís. Fonte: Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendaís.	36
Figura 8. Dotação atribuída às atividades culturais. Fonte: Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendaís.....	37
Figura 9. Segunda fotografia da fachada do Museu de Ferreiros de Tendaís.	41
Figura 10. Primeira fotografia da fachada do Museu de Ferreiros de Tendaís.	41
Figura 11. Modelagem 2D da entrada do museu. Fonte: Elaboração própria.	47
Figura 12. Modelagem 2D do lado esquerdo do museu. Fonte: Elaboração própria.	48
Figura 13. Modelagem 2D do lado direito do museu. Fonte: Elaboração própria.	48
Figura 14. Maquete publicação Instagram do Museu de Ferreiros de Tendaís. Fonte: Elaboração própria.....	50
Figura 15. Logótipo do Museu de Ferreiros de Tendaís. Fonte: Elaboração própria.....	50
Figura 16. Entrada à página web do Museu de Ferreiros de Tendaís.....	51

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. População Concelho de Cinfães - fonte: Instituto Nacional de Estatística - Censos 2021.....	13
Tabela 2. População entre os 15-24 anos da Freguesia de Ferreiros de Tendais fonte: Instituto Nacional de Estatística - Censos 2021	14
Tabela 3. Perspetivas transformativas (Fried, 2000)	19
Tabela 4. Perguntas do questionário sobre importância do museu de Ferreiros de Tendais	30
Tabela 5. Avaliações de atividades do projeto "As memórias d'Aldeia - Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendais"	58

INTRODUÇÃO

“As memórias d’Aldeia – Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendais” é o produto final do mestrado de Mediação Intercultural e Intervenção Social (MIIS), o mesmo trata-se de um projeto de intervenção social que pretende desenvolver um museu colaborativo que ajude a preservar o património local da freguesia de Ferreiros de Tendais, situada no concelho de Cinfães (Viseu).

As aldeias portuguesas são um reflexo do envelhecimento que se sente em Europa, as que outrora eram comunidades repletas de vida, histórias, músicas e movimento de massas agora estão cada vez mais abandonadas. Para além do envelhecimento da população, o que agrava a situação é o êxodo rural que ainda predomina no nosso país. Grande parte de Portugal interior apresenta número assustadores de jovens e adultos oriundos do meio rural a mudarem-se para o litoral e para cidades que lhes apresentem mais propostas para uma vida melhor. Dessa forma, reforça aqui o sentimento das aldeias portuguesas estarem a desaparecer e com elas também o seu património e a sua história.

Em Ferreiros de Tendais não é diferente, os números dos censos entre 2011 e 2021 apresentam um decréscimo da população de 22,3%. Se formos a ver, os jovens entre 15 e 24 anos passaram de 82 habitantes em 2011 a 49 em 2021. Cria-se assim um sentimento de falta de geração que preserve o conhecimento local. Para além disso, a freguesia de Ferreiros de Tendais não dispõe de nenhuma ferramenta que permita a preservação do património local dos seus fregueses, como por exemplo, um museu.

Com toda a informação que reflete o êxodo rural forte que Ferreiros de Tendais sente, e para além disso a falta de recursos que promovam e preservem a sua cultura e história torna-se necessário criar alguma ferramenta que permita esse propósito. Dessa forma, é necessário trazer a comunidade e envolvê-la para que o património que seja representado seja real e um reflexo da cultura local e das suas gentes.

Tendo em conta tudo o apresentado, este projeto baseia-se em apoiar a Associação para o Desenvolvimento e Cultura de Ferreiros de Tendais (ADCFT) através da Casa d’Abóbora – Associação Juvenil, na criação e desenvolvimento do museu de Ferreiros de Tendais. Para além disso, pretende-se usar a mediação para a auscultação dos fregueses, de forma a entender o que sentem que deve estar representado no museu, de forma a ser

um espaço que mostre a opinião dos habitantes da freguesia, tornando-o assim um museu colaborativo. A mediação torna-se a base deste projeto, já que esta é essencial para que qualquer projeto social seja verdadeiramente uma compreensão do que os locais querem. E seguindo as palavras de Carlos Giménez (1997), a mediação intercultural, presente neste relatório, corresponde a um caminho e processo que permite melhorar as formas de comunicar, relacionar-se e a própria integração de várias culturas entre pessoas ou grupos presentes num território e que partilhem uma e várias culturas.

Este projeto estará dividido de forma a mostrar as várias fases do mesmo, seguindo assim a estrutura da obra de Serrano (2008). Primeiro, será realizado um enquadramento contextual do território, que permitirá entender a situação sociodemográfica de Cinfães e Ferreiros de Tendais. Dessa forma, também serão apresentadas as entidades envolvidas no projeto, a ADCFT, Casa d'Abóbora e ADACC.

Para entender em que se baseia o projeto, será realizada uma revisão conceptual que abordará os temas da mediação intercultural e o caso de Ferreiros de Tendais, de forma a entender como e que tipo de mediação estará presente no desenvolvimento do projeto e como a Casa d'Abóbora se tornará no terceiro agente dentro do triângulo da mediação.

Após revisar esse conceito, avançaremos para a preservação do património local, identificando o que se identifica como património material e imaterial, sempre com foco no meio rural e como o mesmo está em tendência de desaparecer.

Dessa forma, avançamos para o último ponto que é a cocriação do museu, que permitirá abordar a ideia de um museu colaborativo de forma a ser representativo da comunidade local, com especial atenção em ouvir todos os 14 lugares da freguesia de Ferreiros de Tendais.

Com uma apresentação de temas e conceitos que são precisos entender para apresentar o projeto, avançamos com o diagnóstico social, de forma a apresentar as problemáticas, necessidades e expectativas. Reforçando aqui os temas que foram discutidos e apresentados no enquadramento, reforça-se a falta de preservação do património local e de ferramentas que permitam que permaneça presente. As necessidades refletem-se com a importância de criação de um espaço ou ferramentas que permitam permanecer viva e presente a cultura da freguesia de Ferreiros de Tendais, bem como a representatividade

dos seus fregueses. Para finalizar, a expectativa é que o museu de Ferreiros de Tendais seja um espaço que responda a todas estas questões.

Para alcançar a expectativa, serão realizados vários passos. O Museu de Ferreiros de Tendais tornar-se-ia a ferramenta de preservação do património local, sendo um ponto de visita para habitantes e visitantes de forma a não se esquecer a sua história e que a mesma seja escrita por todos.

Para reforçar o desenvolvimento do museu foram realizadas entrevistas a utentes de terceira idade da Associação para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães (ADACC), de forma a entender como era o seu dia a dia antigamente, costumes e histórias.

Com a ideia do museu colaborativo e com uma freguesia que é composta por 14 lugares, tornou-se necessário a distribuição de questionários por todos os lugares com representantes locais que ajudassem na sua distribuição, de forma a permitir que as opiniões de habitantes da freguesia sejam base do desenvolvimento do museu.

Com todos estes passos, torna-se necessária apresentar a planificação do projeto, que é composta pelos objetivos gerais, a metodologia para entender como se irá desenvolver o projeto e apresentar a estrutura do museu de forma a conhecer o espaço e entender como está idealizado. Para além disso, serão desenvolvidos dois produtos, sendo eles um livro com linguagem popular da freguesia de Ferreiros de Tendais (previamente recolhida pela ADCFT) e a criação de uma plataforma digital que permitirá ter uma apresentação digital do museu, bem como o seu catálogo, entrevistas e mais.

Após isso será apresentada a calendarização do projeto, bem como os recursos humanos e materiais que foram necessários para a elaboração deste projeto.

A aplicação-execução do projeto apresentará como é que o projeto se tornará real e os passos necessários para o mesmo, de forma a contextualizar quais são as tarefas necessárias a realizar em cada atividade correspondente ao projeto “As memórias d’Aldeia – Cocriação do museu de Ferreiros de Tendais”. Para finalizar, a avaliação do projeto de forma a verificar o que se conseguiu alcançar com o projeto e que ferramentas se utilizarão para a mesma e as avaliações finais.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1. Enquadramento contextual do relatório

O projeto aqui apresentado tem lugar no concelho de Cinfães, distrito de Viseu. Cinfães trata-se de um concelho conhecido pela sua conexão com a natureza e pela sua beleza nas aldeias pertencentes. Composto por 14 freguesias, o número de habitantes é de 20.427.

Sexo	H			M			Total		
Freguesia	2021	2011	Var.	2021	2011	Var.	2021	2011	Var.
Alhões, Bustelo, Gralheira e Ramires	260	298	-12,8%	257	297	-13,5%	517	595	-13,1%
Cinfães	1 443	1 578	-8,6%	1 637	1 817	-9,9%	3 080	3 395	-9,3%
Espadanedo	582	642	-9,3%	579	676	-14,3%	1 161	1 318	-11,9%
Ferreiros de Tendais	273	343	-20,4%	267	352	-24,1%	540	695	-22,3%
Fornelos [Cinfães]	284	328	-13,4%	306	375	-18,4%	590	703	-16,1%
Moimenta [Cinfães]	173	196	-11,7%	183	212	-13,7%	356	408	-12,7%
Nespereira [Cinfães]	819	959	-14,6%	876	1 018	-13,9%	1 695	1 977	-14,3%
Oliveira do Douro [Cinfães]	635	753	-15,7%	622	776	-19,8%	1 257	1 529	-17,8%
Santiago de Piães	777	877	-11,4%	830	920	-9,8%	1 607	1 797	-10,6%
São Cristóvão de Nogueira	786	936	-16,0%	853	994	-14,2%	1 639	1 930	-15,1%
Souselo	1 396	1 577	-11,5%	1 443	1 625	-11,2%	2 839	3 202	-11,3%
Tarouquela	500	634	-21,1%	541	608	-11,0%	1 041	1 242	-16,2%
Tendais	330	398	-17,1%	367	409	-10,3%	697	807	-13,6%
Travanca [Cinfães]	356	413	-13,8%	356	416	-14,4%	712	829	-14,1%
Total	8 614	9 932	-13,3%	9 117	10 495	-13,1%	17 731	20 427	-13,2%

Tabela 1. População Concelho de Cinfães - fonte: Instituto Nacional de Estatística - Censos 2021

A partir da tabela anterior, é importante refletir que todas as freguesias sentiram uma redução significativa nos seus habitantes. Neste caso, a freguesia de Ferreiros de Tendais, dentro do concelho de Cinfães, foi a freguesia que sentiu um maior impacto com a perda de 22,3% da sua população e com atualmente 540 habitantes. O Museu de Ferreiros que vai ser alvo deste projeto, está sediado na aldeia de Ferreiros, dentro da freguesia de Ferreiros de Tendais.



Figura 1. Freguesias do concelho de Cinfães - fonte: Geneall (s.d.)

Terra acidentada, entre montes e vales, a freguesia de Ferreiros é limitada a poente pela linha do Bestança. Sobre o morro, sobranceiro à antiga Vila de Ruivais, levanta-se o Castro conhecido pelo “Monte das Coroas”. No sopé deste monte está o Castro de Cio. (Junta de Freguesia Ferreiros de Tendais, s.d.)

Como toda aldeia a perder o seu património material e imaterial, esta tem pelo menos o projeto do museu que apoia a preservação do conhecimento dos fregueses que ainda participam no dia a dia da freguesia. Como se pode verificar pela figura 1, é de relevante importância desviar os nossos olhos para a juventude da freguesia de Ferreiros de Tendais, 49 são os jovens entre os 15 e 24 anos que habitam nas diferentes aldeias da freguesia em 2021. Reforça-se aqui a necessidade de criar a preservação do património de Ferreiros de Tendais, quando verificamos que a juventude está a realizar o tão usual êxodo rural e que não haverá mais ninguém a quem deixar conhecimento se os números continuam a descer de forma tão abrupta.

Sexo	H			M			Total		
Freguesia	2021	2011	Var.	2021	2011	Var.	2021	2011	Var.
▲ Ferreiros de Tendais	24	45	-46,7%	25	37	-32,4%	49	82	-40,2%
Total	24	45	-46,7%	25	37	-32,4%	49	82	-40,2%

Tabela 2. População entre os 15-24 anos da Freguesia de Ferreiros de Tendais fonte: Instituto Nacional de Estatística - Censos 2021

Realizando uma visão geral no concelho de Cinfães conseguimos encontrar dois museus: o Museu Serpa Pinto (situado em Cinfães) e o Museu Etnográfico Quinta da Granja (situado em Nespereira), este último desenvolvido pela Associação Recreativa de Nespereira e mais alinhado com o foco do presente projeto, já que foi criado para salvaguardar a identidade local e regional. O Museu de Ferreiros de Tendais terá como objetivo a preservação das memórias e histórias locais, tornando-se o primeiro museu na freguesia que trabalhará para o desenvolvimento rural e difusão das histórias dos seus habitantes. No que diz respeito às entidades envolvidas no projeto, estas são a Associação para o Desenvolvimento e Cultura de Ferreiros de Tendais (ADCFT), a Casa d'Abóbora e a Associação para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães (ADACC).

Criado pela Associação para o Desenvolvimento e Cultura de Ferreiros de Tendais (ADCFT), o Museu de Ferreiros de Tendais está sediado em Ferreiros na antiga escola primária e junta de freguesia (espaço cedido pela Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendais) e já conta com um vasto número de doações de artefactos que exemplificam a vida do passado. A ADCFT está sediada em Ferreiros, tornando-se esta a sua zona de intervenção. Tem como objetivo a organização de um museu onde se possam preservar todos os utensílios e alfaias da nossa região e organizam eventos culturais e festas locais.

Convidada pela ADCFT, a Casa d'Abóbora, associação juvenil sediada em Aldeia (aldeia vizinha à Ferreiros) foi desafiada a participar no desenvolvimento do museu.

A Casa d'Abóbora trata-se de uma associação juvenil que tem como grande objetivo preservar o património material e imaterial da zona, como também dinamizar culturalmente o concelho. Nascida pela vontade de quatro jovens se mudarem para Aldeia (Cinfães), um lugar vizinho a Ferreiros. Pertencente a Casa d'Abóbora está Joana Faria, a mestrand a realizar o projeto e que tomou este desafio pelas suas mãos.

Em relação às atividades da Casa d'Abóbora, esta procura realizar um programa cultural mensal variado que pretende a dinamização cultural da freguesia e do concelho de Cinfães, promovendo atividades como concertos, oficinas, torneios de cartas, projeção de documentários, etc. Conectado com a preservação das memórias, são criadas várias dinâmicas e projetos para apoiar a cultura intrínseca das gentes das aldeias e também são criadas várias atividades na IPSS vizinha, a Associação Para o Desenvolvimento do Alto

Concelho de Cinfães (ADACC), por dispor da visita constante de vários utentes de toda a freguesia de Ferreiros de Tendaís.

A Associação Para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães (ADACC), com sede em Lugar de Aldeia, na freguesia de Ferreiros de Tendaís, trata-se duma Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS). Esta IPSS, visa fundamentalmente apoiar os idosos, através da prestação de serviços (alimentação, higiene, dinamização cultural) no centro de dia. Um dos seus focos também se baseia na entreaajuda moral, intelectual e material, conseguindo alinhar-se com o projeto “As memórias d’Aldeia” através da sua vontade de divulgação valores artísticos, culturais, socioeconómicos, preservando os costumes e tradições da região (ADACC, s.d.).

A ligação destas três entidades, justifica-se pelo convite da ADCF à Casa d’Abóbora para o apoio no desenvolvimento do Museu de Ferreiros de Tendaís e posteriormente, pela criação de uma parceria com a ADACC por dispor de vários utentes que serão entrevistados e base para o projeto de cocriação do museu.

A ADCF e a Casa d’Abóbora apresentam objetivos similares, como a preservação do património e dinamização cultural, aliando-se à ADACC por esta reunir utentes de várias aldeias da freguesia, permitindo assim uma perceção intercultural.

1.2. Enquadramento teórico da problemática do relatório

‘As memórias d’Aldeia - Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendaís’ é um projeto social, realizado através da associação juvenil Casa d’Abóbora, que se baseia na metodologia qualitativa, num formato de investigação-ação, através de entrevistas não estruturadas que permitem a cocriação do museu com os locais. Este projeto irá seguir o exemplo da mediação transformativa e terá presente três áreas de intervenção: a mediação, a preservação das memórias e a cocriação do museu. A vontade do projeto é tornar-se uma nova ponte entre os habitantes das aldeias da freguesia de Ferreiros de Tendaís e as próprias entidades envolvidas, como a ADCFT e a Casa d’Abóbora. Como refere Caride (2016) toda intervenção requiere um trabalho social e o estabelecimento duma relação com as comunidades, os seus membros e os distintos grupos, daí torna-se relevante envolver não só as diversas organizações participantes, mas também as diversas pessoas da freguesia.

Neste caso, tendo em conta o anterior, resulta importante definir alguns conceitos que permitem entender o projeto em questão. Dessa forma, irá apresentar-se e aprofundar nos conceitos de: mediação, mediação transformativa, património cultural material e imaterial, memória e cocriação.

1.2.1. Mediação intercultural e o caso rural de Ferreiros de Tendais

Com um foco na procura de uma resposta que agrade todos os atores envolvidos, torna-se curioso que a definição de mediação ainda não seja fixa por todas as diversas opiniões que existem sobre o que é a mediação. O presente trabalho enquadra-se no exposto por dois autores, Torremorell (2008) e Gimenez (1997). Como refere a primeira autora, a mediação pressupõe um pequeno empurrão na direção da coesão social, já que esta promove o sentimento de compreensão, aceitar diversas realidades e apoiar o mundo da cooperação, entre outras.

A mediação estará presente durante toda a realização do projeto “As memórias d’Aldeia Co-criação do Museu de Ferreiros”, já que esta é essencial para que qualquer projeto social seja verdadeiramente uma compreensão do que os locais querem. Em convite pela ADCFT, que dispõe do espaço e dos artefactos que compõem o museu, à Casa d’Abóbora, permite criar aqui um sentido de mediação. A criação de um museu pode ser simplesmente algo uni focal, onde a voz do que vai estar colocado no museu é dependente unicamente do curador, neste caso, a ADCFT. No entanto, o que distingue este projeto dos outros estilos em museologia, é que pretende usar a mediação comunitária no meio rural. A Casa d’Abóbora torna-se assim o terceiro agente, enquanto a ADCFT é um agente, e o povo é outro.

Neste sentido, como Cunha e Pereira (2015, p.198) referem, as associações envolvidas nas comunidades:

são agentes da inclusão, promotoras de relações interpessoais e, como tal, são também espaços privilegiados para as práticas e para a educação intergeracional em que, por um lado, os mais velhos terão oportunidade de se manter ativos, participativos, interventivos, partilhando com os mais jovens e com a comunidade um vasto leque de conhecimento adquiridos durante toda uma vida. Por outro lado, os mais jovens poderão adquirir valiosos conhecimentos, fruto de histórias de vida únicas transmitidas na primeira pessoa.

No caso do museu de Ferreiros de Tendais, o conflito é a dificuldade de transmissão de conhecimento local e pretende-se assim alcançar a coesão social aceitando diferentes versões da realidade através da escuta ativa dos diversos atores envolventes. Como refere Torremorell (2008) “a possibilidade de transformação tem origem na capacidade da mediação para gerar dois efeitos importantes: a revalorização e o reconhecimento” (p.17) e assim consegue-se unir a vontade do projeto à definição da mediação através da revalorização e o reconhecimento.

Deste modo, quando se fala em reconhecimento, fala-se de cultura e de interculturalidade. A mediação intercultural, por Gimenez (1997) “corresponde a um processo que contribui para melhorar a comunicação, a relação e a integração intercultural entre pessoas ou grupos presentes num território, e pertencentes a uma ou várias culturas.” (Gimenez em Vieira e Araujo, 2018, p.127)

Ligando com os tópicos previamente apresentados, a interculturalidade na mediação nesta área, abarca três aspetos fundamentais, sendo estes “facilitar a comunicação; fomentar a coesão social; e promover a autonomia e a inserção social orientada para a construção de um novo marco comum de convivência.” (Gimenez em Vieira e Araujo, 2018, p.127)

Deste modo, mesmo que nos encontremos numa área muito homogênea culturalmente, a monocultura não existe pela forte cultura em cada aldeia, devido a dificuldade de transmissão de conhecimento por causa das distâncias entre estas, além do facto as ferramentas tecnológicas que poderiam permitir uma maior fluidez na transmissão, só se fizeram acessíveis à população quando as gerações mais jovens já tinham começado a emigrar para as cidades. Por isso, mesmo num espaço rural tão similar, a mediação intercultural é aplicada no projeto através da potencialização da participação social e comunitária.

Das diversas vertentes da mediação, a transformativa torna-se a mais alinhada com o processo do projeto, esta abordagem transformativa à mediação pode produzir a transformação do meio social através de diversas formas, já seja desde a luta até a colaboração ou o estabelecimento de laços e relações (Folger e Bush, 2000). Caminha-se assim para uma ponte elaborada pelos três atores envolvidos (ADCF, Casa d’Abóbora e ADACC) para uma elaboração colaborativa.

No modelo de mediação transformativa ou também referida segundo Burton e Dukes (1990) como não diretiva ou *relationship-centered*, a mediação e a atividade da mediadora situam-se mais próxima da arte do que da técnica, já que ao focar-se nas pessoas, consegue-se visualizar todos os pontos importantes da história já que o foco é a melhoria pessoal, na base na revalorização e no reconhecimento (Bush e Folger, 1996)

Assim, como refere Jonathan e Americano (2021), a mediação transformativa “concentra-se em extrair, destacar e traduzir a compreensão de si mesmo, do outro da situação em cada estágio do processo” (p. 201-202). Veja-se a figura para entender a atitude na futurização, ação e *empowerment* da perspectiva transformativa.

Práticas Emergentes / Perspetivas	Futurização: construção de futuros	Ação: possibilitar e fortalecer formas de ação viáveis	Empowerment: promover o reconhecimento e a recuperação de poder
Transformadora	Os participantes tornam-se construtores ativos das condições que criem e em que vivem.	Reapropriação do seu próprio poder e reconhecimento.	Reconhece a própria possibilidade de ação cooperante de pessoas e organizações.

Tabela 3. Perspetivas transformativas (Fried, 2000)

Deste modo, tendo em conta o anterior, torna-se claro a necessidade duma vertente da mediação que se foque nas pessoas e no valor das suas palavras para um melhor reconhecimento e revalorização das suas histórias e vidas ligadas à terra de Ferreiros de Tendais.

1.2.2. Preservação das memórias

Para criar um museu que seja um reflexo do povo local, é necessário estudar a sua cultura, tanto na área material como imaterial. Para tal, é necessário revisar o que é considerada cada uma destas áreas. Como Ander-Egg (1981) afirma a cultura de um povo configura-se mediante a “aquisição de um conjunto de saberes e como resultado dessa aquisição; estilo de ser, de fazer e de pensar e como junto de obras e instituições; como criação de um destino pessoal e coletivo” (p.13).

A partir da cultura do povo, cria-se o seu património cultural material e imaterial. O património cultural material oferece a oportunidade de visualizar, no formato de edifícios, escultura, instrumentos, coleções de pintura, etc. a cultura de um certo povo.

Mas o Património Cultural não se limita aos edifícios nem às coleções de pintura, escultura, ourivesaria, de instrumentos científicos e de trabalho, etc. O ser humano com criações sociais permite elaborar um conhecimento vasto nas lendas, história, objetos, tradições, etc. Para além disso, o sentimento de crescer em comunidade permite a criação de relações interpessoais que moldam a história do local, dessa forma resultando num destino pessoal e coletivo. Essas relações permitem preservar o Património Cultural Imaterial (PCI), que corresponde a todas essas tradições que “herdamos dos nossos antepassados e que são transmitidas entre gerações, de pais para filhos, de avós para netos, ou às vezes entre pessoas de uma mesma geração, como por exemplo os conhecimentos que se aprendem entre colegas de trabalho” (Departamento de Património Imaterial e Instituto dos Museus e da Conservação, 2011).

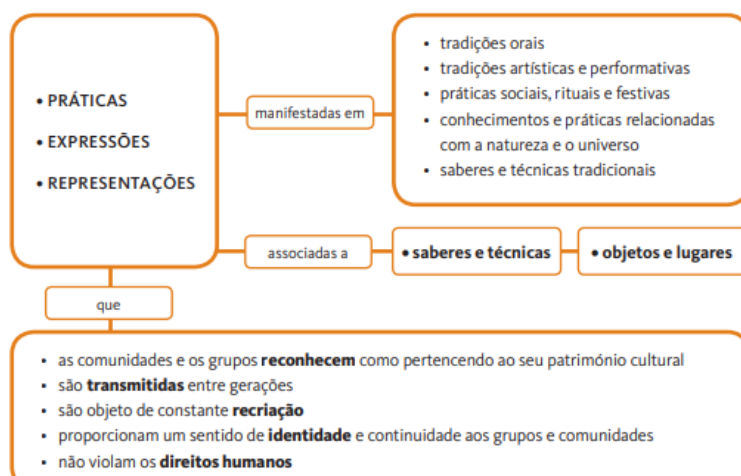


Figura 2. Departamento de Património Imaterial e Instituto dos Museus e da Conservação, 2011

Neste caso, ser um museu reflexo do povo, significa mostrar aos visitantes a visão holística do povo, seja pela cultura material por ferramentas usadas antigamente, ou revistas que são prova da história passada, mas também o PCI que se reflete pelo resultado de todas as conexões e memórias que os habitantes da freguesia de Ferreiros de Tendaís criaram.

Com aldeias com número populacionais baixos, e especialmente taxas de alfabetização ainda mais baixos, a forma de partilhar e preservar a memória individual, tornando-a assim coletiva, é oralmente. Como refere Rego (2021) “a memória oral, num mundo onde há cada vez menos reflexão e cada vez mais montras de montras, aparece hoje como nunca como a joia da coroa no panorama do nosso património cultural”. Nesse sentido, a memória oral coletiva torna-se um foco no século XXI pela forte atenção ao interior e a sua desertificação, perdendo formas e pessoas para onde passar esse conhecimento.

Assim, tendo em conta a diversidade dos grupos representados no museu, torna-se relevante o exposto por Portelo (1998) enquanto à memória, quem assinala que:

Se toda memória fosse coletiva, bastaria uma testemunha para uma cultura inteira; sabemos que não é bem assim. Cada indivíduo, particularmente nos tempos e sociedades modernos, extrai memórias de uma variedade de grupos e as organiza de forma idiossincrática. (...) a memória é social e pode ser compartilhada (...); mas ela só se materializa nas reminiscências e nos discursos individuais. (...) Quando compreendemos que “memória coletiva” nada tem a ver com memórias de indivíduos, não mais podemos descrevê-la como a expressão direta e espontânea (...), mas como uma formalização igualmente legítima e significativa, mediada por ideologias, linguagens, senso comum e instituições.

(Portelo, 1998, p.127)

Neste sentido, o interior volta a ser motivo de conversa e de foco, pelas suas memórias que estão a dissipar-se pelas aldeias despovoadas de Portugal, como também porquê é necessário recolher esse conhecimento para que ele permaneça presente. O conhecimento é mais rico e mais diversificado quando se partilha e quando se dá espaço para ouvir as vozes e histórias de várias gerações e classes sociais, a mediação intergeracional está

presente na forma em como se passará este conhecimento transversal a todos os que decidem visitar este museu colaborativo, tendo em conta que:

A história se constrói, também, com base nas estórias e memórias de cada pessoa e que o conhecimento que daí provém contribui para o maior reforço das identidades locais. (...) pretendemos reconstruir não apenas episódios, mas também informações, sentimentos e vivências que possam servir de caminho ou pista à recuperação histórica, sociológica, antropológica, e mesmo psicológica do universo dos atores envolvidos em determinada sucessão de acontecimentos. (Camara de Palmela em Carvalho, 2013, p. 148)

1.2.3. Cocriação do museu

Em primeiro lugar, como refere Kubrusly (2021), o objetivo torna-se criar uma rede de contactos onde estejam presentes pessoas com conexões fortes com a zona, conseguindo assim contribuir com as suas histórias e memórias para a criação e desenvolvimento de um arquivo histórico e patrimonial. Dessa forma, esta rede de contactos formará uma representação do povo na preparação e criação do museu e assim tornar-se-á um projeto que trabalha na base da cooperação e do diálogo através da mediação da Casa d'Abóbora, ouvindo as diferentes identidades, histórias e memórias para mais tarde plasmar esse conhecimento no Museu de Ferreiros de Tendaís.

Pretende-se que o museu tenha grande influência de parte do conhecimento da população, para o tornar mais autêntico e dessa forma permitir um sentimento de conexão entre os habitantes da freguesia e o Museu de Ferreiros de Tendaís. Como refere Amado e Carvalho (2013):

O crescimento e a diversidade do universo patrimonial; a valorização e o papel central da paisagem enquanto matriz cultural; a abertura dos museus aos mais novos e a preocupação de os tornar espaços de fácil e didático contato com o passado; a forma dinâmica, agradável, aliciante de expor peças e materiais, com um fio condutor no percurso do visitante; a investigação da realidade cultural do território numa perspectiva de interdisciplinaridade, e o envolvimento das populações num processo conducente à sua promoção são as características mais expressivas da cisão com os cânones da museologia tradicional. (Amado e Carvalho, 2013, p.249)

Neste sentido, avança-se para uma vertente da museologia mais inovativa e representativa, um museu colaborativo. Como refere Arinze (1999) os museus deveriam ser fontes físicas com foco na promoção de uma melhor compreensão sobre o património coletivo das pessoas. Segundo Amado e Carvalho (2013, p. 247) “os museus podem constituir instrumentos de uma rede coerente de estruturas, de recursos, de equipamentos essenciais no reforço de uma memória e identidade e na emergência de uma relevância geográfica, oferecendo assim a possibilidade de construir novos caminhos” além de permitir que novos atores promovam o desenvolvimento.

Estes caminhos, no entanto, já têm sido traçados por outros museus portugueses que sentiram que a promoção da cultura da população deveria ser mais representativa e um espelho do seu património material e imaterial. Como exemplo temos o Museu da Memória Rural, sediado em Carrazeda de Ansiães, que liga o museu físico com uma página web que permite a qualquer visitante online a oportunidade de compreender e aprender sobre o seu património. Este orgulha-se de ser um espaço inovativo, utilizando a tecnologia para preservar o passado, e com uma forte dinâmica na participação da comunidade. Deste modo, o Museu da Memória Rural (s.d.), assinala que:

O Museu da Memória Rural desenvolve uma abordagem participacionista do conceito de património. Consideramos a dimensão dinâmica do passado, o valor histórico da cultura e a necessidade da mesma “ser transmitida geracionalmente” sem qualquer imposição ou exaltação etnocêntrica. Valorizamos um património vivo e por isso o vivemos quotidianamente com as populações locais, através de iniciativas que têm como principal objetivo a inserção e a interação das pessoas com o seu museu e, como tal, o sequente envolvimento comunitário.
(Museu da Memória Rural, s.d.)

Por outra parte, O Centro de Interpretação do Território sediado em Arcozelo (Ponte de Lima), permite a partilha de “temas como o cultivo da terra, a confeção do pão, a produção do vinho, do linho e do gado” (Museus Ponte de Lima, s.d.), que realiza uma ponte direta com a inventariação do património imaterial no concelho de Ponte de Lima. Neste caso, alinhando-se com o propósito da preservação do património na sua totalidade, material e imaterial conseguindo realizar estudos e intervenções com a população para melhor perceção da cultura e melhor forma de mostrá-la ao público. Torna-se assim. “a porta de

entrada para conhecer práticas agrícolas ancestrais, tradições singulares e testemunhos únicos” (Museus Ponte de Lima, s.d.).

Para finalizar, o projeto Memória para Todos trata-se de um “programa de formação e investigação colaborativa e de ciência cidadã que promove o estudo, organização e disseminação do património histórico, cultural e tecnológico de Portugal, desenvolvido em estreita relação com arquivos, instituições, municípios e autarquias, escolas e associações locais” (Memória Para Todos, s.d.).

O projeto fica intimamente ligado ao tema da participação, da memória coletiva e da preservação do património material e imaterial. Como referem nos seus objetivos, a mapear, conhecer, registar, organizar e preservar o património cultural, convocar os cidadãos na partilha da sua memória e a sensibilizar para o contributo da memória e do património no desenvolvimento e coesão social e territorial permite uma fotografia real da memória a preservar.

Desta forma, o projeto destaca-se pelo uso da plataforma online para partilha de documentos escritos, imagens e documentos com intervenções orais para uma difusão do tão mencionado património material e imaterial.

O Museu de Ferreiros de Tendais procurará assim alinhar-se com o trabalho realizado por todos os museus e projetos previamente apresentados ao utilizar metodologias de intervenção comunitárias, democráticas e participativas que permitem a audição real e clara do património local. Para além disso, similar ao projeto Memória para Todos, pretende-se a criação duma plataforma online para partilha de conhecimento adquirido durante o processo do projeto para permitir que a difusão da memória coletiva não fique só no espaço físico em Ferreiros, mas sim também possível de visitar de forma tecnológica.

2. DIÁGNOSTICO SOCIAL: PROBLEMÁTICAS, NECESSIDADES E EXPECTATIVAS

Como refere Serrano (2008) o diagnóstico trata-se duma fase essencial para a elaboração de projetos, através da pesquisa para localizar os problemas ligados ao tema do projeto é preciso também entender o que os causa e oferecer propostas para a sua resolução gradual.

Dessa forma, como foi previamente referido na revisão contextual, no concelho de Cinfães existe um alto êxodo rural o que afeta diretamente a preservação do património. Se voltamos a reforçar os números, Ferreiros de Tendais foi a freguesia que mais habitantes perdeu entre 2011 e 2021 (Censo, 2021). Dessa forma, quem se mantém nas aldeias torna-se uma população envelhecida que preserva o conhecimento e memórias sobre a vida e tradições antigas. Esta população caracteriza-se por uma comunidade que trabalha na agricultura de subsistência e os de terceira idade caracterizam-se por ter ido durante a sua juventude viver para uma cidade como Porto ou Lisboa e retornaram no tempo da sua reforma. Como refere Arroteia (2012), a distribuição da população portuguesa, sendo a zona de Ferreiros de Tendais um espelho desta, é espacialmente assimétrica, beneficiando os distritos do litoral onde se concentram as maiores oportunidades de emprego ditadas pelas estruturas económicas dominantes.

Para além do mencionado anteriormente, também é importante de referir que a própria freguesia é caracterizada pelo seu pouco investimento cultural. No total de 14 lugares que fazem parte de Ferreiros de Tendais, estes dispõem de pouco dinamismo de parte dos organismos públicos e mesmo de falta de cooperação e criação de momentos de lazer entre os habitantes.

Tendo em conta o anterior, torna-se relevante o exposto por Corvil (1995), quem assinala que:

Vivemos num mundo em transe, cada vez mais ‘pequeno’, onde a emergência de novas oportunidades se associa à multiplicação de novos e intensos fenómenos de exclusão e tensão cultural social e territorial. Um mundo em transe porque afectado por um ritmo vertiginoso de mudança, que ultrapassa os tempos de resposta humana ao nível da compreensão e, por maioria de razão, ao nível das

soluções institucionais.
(Cordovil, 1995)

Sendo assim, quando se compara o estilo de vida atual com o de faz umas quantas décadas, é possível apreciar a perda de “comunidade”, enquanto existia um maior número de habitantes na aldeia, da juventude, de família, de postos de trabalhos, pelo que olhando para o atual estado dos lugares estes apresentam-se como espaços abandonados onde já não é possível ver dinamismo cultural nem de parte da comunidade, nem da parte do organismo público. Dessa forma, nem espaços comunitários existem que permitam a reconexão desta comunidade. Existem sim, largos, espaços de lazer equipados com cozinha, com forno, churrasco, etc., mas não um espaço fechado que promova a cultura dos lugares de Ferreiros de Tendaís. Tendo em conta o anterior, entende-se que o projeto do Museu de Ferreiros de Tendaís pretende ser uma resposta à situação de carência cultural, possibilitando assim o acesso aos habitantes e futuros visitantes à sua história e promovendo um sentimento de reconexão comunitária através de um elo de ligação, que é a história comum.

2.1. Análise comparativa das entrevistas realizadas aos utentes da Associação para o Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães e à Presidente da ADCFT

Com o intuito de conhecer melhor o propósito da associação desenvolvedora do projeto, a ADCFT e da sua principal dinamizadora, foi realizada uma entrevista (E1) à Presidente Dina Silveira (ver Anexo I), de forma a entender sobre o seu objetivo e trabalho com o museu. Para além disso, em parceria com a ADACC, previamente apresentada, que está sediada em Aldeia, como a própria Casa d’Abóbora, foi possível realizar entrevistas a alguns utentes do centro de dia (ver anexo II). Foi necessário realizar uma seleção dos possíveis entrevistados juntamente com o apoio das técnicas da instituição, com especial atenção na sua dicção e estado de memória, sendo que a maioria tem mais de setenta anos. Outro fator para a escolha dos utentes foi relevarem um bom conhecimento local, com especial relevância no que se refere à história, costumes e tradições de Ferreiros de Tendaís. Estas entrevistas foram realizadas nas instalações da ADACC, com uma média de duração entre cinco e dez minutos, proporcionando aos entrevistados um espaço

familiar, descontraído e calmo. Em relação ao consentimento informado para a gravação, foi apresentado e pedido aos utentes, sendo positivamente aprovado e dessa forma, permitiu-se avançar para a entrevista.

Após essa seleção, foi tido em conta a representatividade das terras, sendo possível entrevistar habitantes de Pelisqueira (E2), Aldeia (E3), Covelas (E4) e Ruivais (E5).

Com o desafio da falta da perceção do que é um museu e também pela dificuldade em manter um raciocínio claro, a extração mais importante destas entrevistas é a descrição da cultura de Ferreiros de Tendais de forma a esta conseguir estar apresentada de forma clara no museu.

Para apresentar a informação recolhida nas entrevistas, foi criada uma tabela que está dividida em cinco tópicos: perceção do problema, expectativas de solução, como os entrevistados se sentiriam representados no Museu de Ferreiros de Tendais, que elementos deveriam estar no museu, e a descrição da cultura antiga de Ferreiros de Tendais de forma a entender a história (ver anexo III).

A **perceção do problema** nos entrevistados alcança vários temas. Em primeiro lugar, a falta de preservação do conhecimento de objetos antigamente presentes no dia a dia dos habitantes de Ferreiros de Tendais, devido a um grande *gap* entre a comunidade mais velha e a mais nova, como refere E1, “A ideia é não deixar perder o conhecimento”. Em segundo lugar, é comentado a mudança na forma de interação entre os habitantes das pequenas aldeias, deixando o êxodo rural o sentimento de comunidade atingido. Como refere E4, “antes era uma maravilha, toda a gente (..) se ria, agora já não se pode falar para uma pessoa” e reforça a E1 que esta interação se perdeu com o tempo, “as pessoas eram muito mais unidas, muito mais amigas, conviviam mais e agora estão mais fechadas.”

Em terceiro lugar, referem-se dificuldades logísticas para levar a cabo um espaço comunitário que apresente a cultura local de Ferreiros de Tendais. Seja devido ao espaço, sendo que a atual sede utilizada para o museu é demasiado pequena e o espaço comum aberto à comunidade não dispõe de proteção em casos de chuva ou de mau tempo. É apresentada a necessidade de um “largo, um espaço grande ou salão (...) onde a gente poderia fazer uma noite de fados, uma peça de teatro”. Em quarto lugar, reforça-se os desafios económicos apresentados para levar a cabo o museu, seja por dificuldade em

adquisição de materiais para adicionar ao catálogo, seja falta de orçamento da associação ADCFT para o mesmo. Como reforça E1, “não [se pode] gastar muito dinheiro. A associação é pequenina, tem poucos sócios”. Sendo assim, para além da melhoria do catálogo, o tema de um espaço mais adequado para o museu é levantado, já que a ADCFT não dispõe de financiamentos para um melhoramento do espaço nem aquisição dum espaço novo, impedindo assim o seu desenvolvimento.

Respeito as **expectativas de solução** para a problemática apresentada, os entrevistados referem distintas respostas, dentro das quais é possível verificar a vontade de preservar o património de qualquer forma, sendo que o museu permitiria “não perder os usos, os costumes da terra” (E1) e de “recordar as coisas antigas” (E4). Dessa forma, os entrevistados reforçam a ideia da criação de um espaço para expor as peças representativas da cultura de Ferreiros de Tendais, de forma a preservar o património, e de permitir o seu acesso ao público para assim entenderem partes novas sobre a sua história e criarem momentos de reviver a mesma.

Respeito a como a comunidade se sentiria representados no museu, os entrevistados referem que existem alguns desafios. É possível verificar que a sua representação estaria através da apresentação de alfaías agrícolas, elementos de casa, como por exemplo, elementos de cozinha ou mesmo de decoração do espaço. Para além disso, reforça-se a importância das roupas utilizadas para trabalho agrícola e também dos momentos de lazer, muito presentes através da música e do instrumento muito típico na zona, a concertina.

De forma a continuar o sentimento de representatividade, foi apresentado o desafio aos entrevistados para idealizar que **elementos representativos da sua cultura e da sua vida sentiriam que deveriam estar presentes no museu**. A partir daí foi possível identificar a necessidade de mostrar elementos da área agrícola, bem como materiais da cozinha, seja “regador para ir a fonte, panelas de ferro para fazer o comer” (E3) ou mesmo a presença da broa e o “forninho para meter o pão para dentro”. De igual forma, comentam a estrutura da sua casa, através de como era apresentada a sala que, antigamente, era composta unicamente por cadeiras, a mesa e o loiceiro. Comenta-se também a estrutura e decoração dos quartos, que eram divididos por grandes números de filhos e filhas e até como lembra a E4, a decoração das bonecas de porcelana que eram tão estimadas nos quartos.

Enquanto ao entendimento sobre a **cultura antiga de Ferreiros de Tendais** foi possível verificar, em primeiro lugar, a grande importância que os entrevistados atribuem ao trabalho agrícola e como este era realizado ao mesmo tempo que os estudos escolares de forma a dar apoio aos seus pais que viviam na base da agricultura de subsistência. Em segundo lugar, também foi possível verificar o tipo de profissões existentes em Ferreiros de Tendais, para os homens, agricultor, carpinteiro, marceneiros e, para as mulheres, donas de casas e agricultoras. Em terceiro lugar, os entrevistados também recordam o passado através da gastronomia, seja pela falta de alimentos, seja pelo tipo de ingredientes que faziam parte da alimentação ordinária, como o bacalhau, as couves, batatas, feijões e em momentos especiais o tão famoso anho ou porco que cada família conseguia aproveitar todas as partes e “esticar” de forma a durar o máximo de tempo possível. Finalmente, alguns dos entrevistados, reforçam o estilo de vida de caseiros, muito comum na zona rural e em Ferreiros de Tendais, sendo que se caracteriza pelo cuidado da terra dos donos da mesma e a divisão equitativa dos produtos e alimentos que produziam.

Assim de forma a coligar os dois tipos de entrevista semiestruturadas dos utentes da ADACC e da dinamizadora e presidente da ADCFT, com a descrição da cultura de Ferreiros de Tendais é nos apresentado respostas com grande ênfase na agricultura, na gastronomia, nas tradições e também no êxodo rural que se realizava (especialmente de parte das raparigas mais jovens) de forma a trabalhar nas casas de população mais abastecida nas cidades.

2.2. Análise dos questionários realizados na freguesia de Ferreiros de Tendais sobre importância do museu local

Mesmo com uma população de 540 habitantes, torna-se difícil alcançar em formato de entrevista a todos os fregueses de Ferreiros de Tendais. Dessa forma, uma solução foi a criação de um questionário simples (ver anexo IV) que permitiria a auscultação dos habitantes em relação a como sentiriam que o museu fosse representativo da freguesia. O questionário foi divulgado em dois formatos: digital e papel e dispunha das seguintes perguntas:

1	Nome
2	De que aldeia és?
3	Género
4	O que é um museu para ti?
5	O que gostavas que tivesse o museu para mostrar a cultura de Ferreiros de Tendais?
6	Se preferires, podes deixar o teu nome
7	Comentários adicionais

Tabela 4. Perguntas do questionário sobre importância do museu local de Ferreiros de Tendais

Para o formato digital a forma que se utilizou foi a divulgação nas redes sociais da Casa d'Abóbora de forma a convidar os fregueses a responder. Em relação ao formato físico, foi idealizada uma estratégia para alcançar mais fregueses através da criação duma rede de representantes locais de cada lugar da freguesia, de forma que os mesmos conseguissem divulgar os questionários nas suas aldeias. Esta técnica foi desenvolvida com dois propósitos: primeiro, criar um sentimento de conexão dos representantes com o museu (até antes da sua abertura) de forma a divulgarem o projeto e, segundo, devido a facilidade que os mesmos têm em alcançar mais população nas suas próprias aldeias de origem. Dessa forma, até agora existe um representante por lugar em: Ruivais, Aldeia, Castro Cio, Ferreiros, Vila Boa de Baixo, Rebolfe, Chã e Covelas.

- Pelisqueira, Ameal e Prelada (neste caso a representante está responsável por três lugares devido ao seu baixo número de habitantes)

Num total de catorze lugares da freguesia, doze já dispõem de representantes que darão apoio ao projeto do museu, ficando a faltar representantes em Vila Boa de Cima, Pimeirô e Riba-Lapa. No entanto, já foram contactados vários habitantes da zona para que tomem esse papel de forma que nenhuma aldeia fique excluída.

Dessa forma, foram distribuídos entre dez e vinte questionários para cada representante, sendo que os resultados que se irão apresentar de seguida são provisórios, já que a recolha de questionários de parte dos representantes ainda se encontra a decorrer.

Após a recolha dos questionários online e físico, é possível verificar a resposta de dezoito participantes. A partir destes resultados provisórios, apresentar-se-á uma base do que será a opinião colaborativa de parte dos fregueses em relação ao Museu de Ferreiros de Tendais.

Entre os dezoito participantes, foi possível verificar uma diversidade nas aldeias representadas, desta forma, como se apresenta no gráfico X as percentagens da participação são as seguintes: Pelisqueira (22,2%), Ruivais (16,7%), Aldeia (16,7%), Covelas (16,7%), Rebolfe (11,1%), Vila Boa de Baixo (11,1%) e Ferreiros (5,6%). Ficando a faltar os lugares de Castro-Cio, Vila Boa de Cima, Chã, Ameal, Prelada, Pimeirô e Riba-Lapa.

1. De que aldeia és de Ferreiros de Tendais?

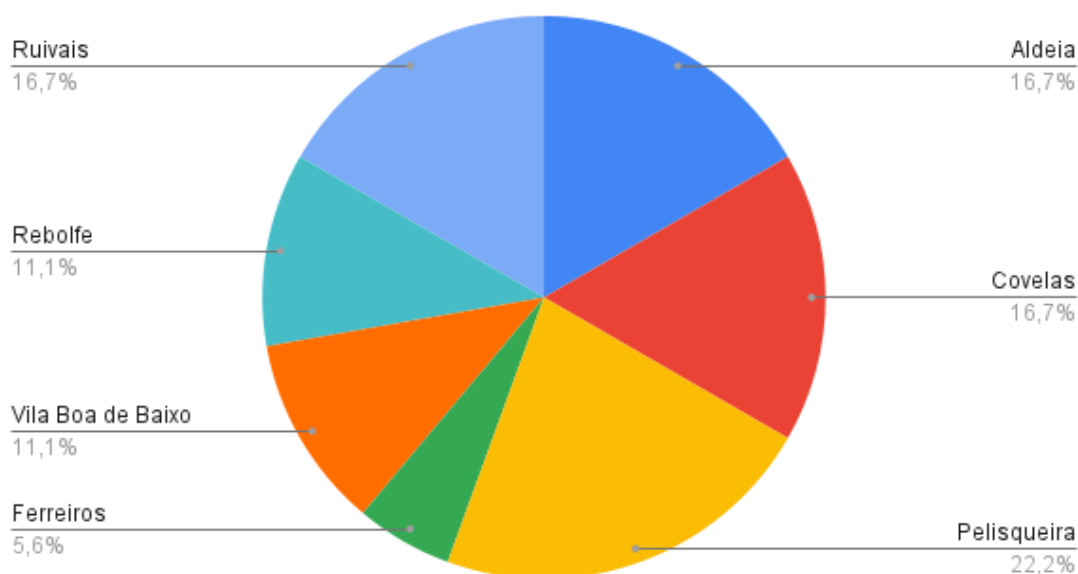


Figura 3. Proporção de participantes segundo o seu lugar de residência

Enquanto a distribuição etária dos participantes se percebe uma divisão entre várias faixas etárias, havendo representantes em cada uma e sendo a faixa etária de 25-34 anos a que obteve mais respostas (33.33%), seguindo-se com 65 ou mais (16,67%) e 35-44 anos

(16,67%), 19-24 anos (11,11%), 55-64 anos (11,11%) e até 18 anos e 45-54 com apenas uma resposta (5,56%).

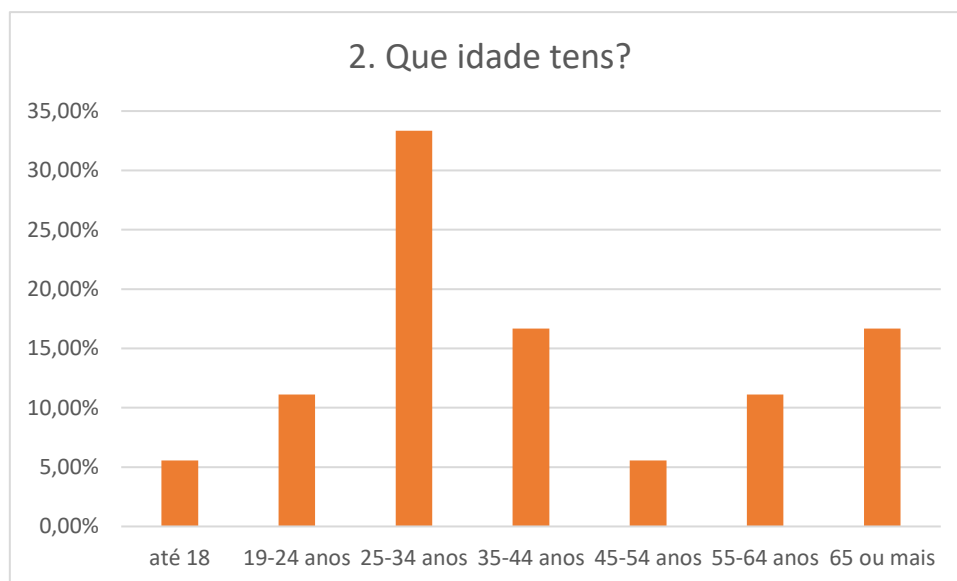


Figura 4. Distribuição dos participantes segundo a sua faixa etária.

Em relação ao género foi possível ver um gráfico bastante diversificado, com uma percentagem de maioria, 55.6%, de respostas de participantes do género masculino com dez respostas e feminino com oito respostas e percentagem de 44.4%

Enquanto ao género, como se observa na figura 5, apresenta-se com uma proporção bastante equilibrada entre participantes de género feminino e de género masculino, contando estes com uma participação 11,2% maior.

3. Género

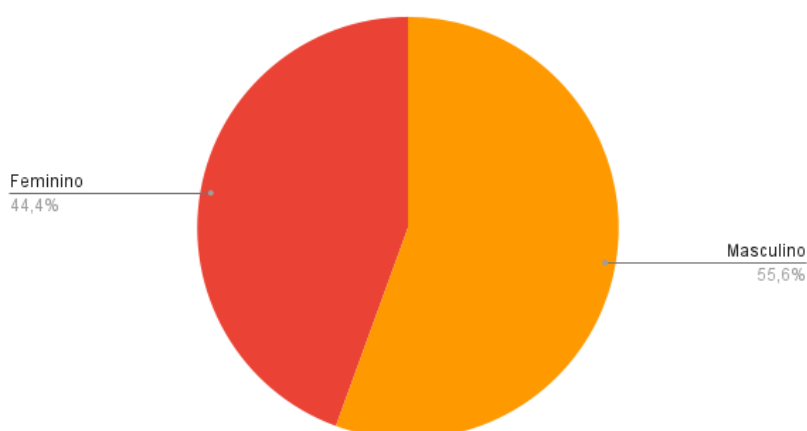


Figura 5. Distribuição dos participantes segundo o seu género.

Torna-se importante reforçar que esta apresentação de números é provisória, esperando alcançar muitos mais fregueses que apoiem o projeto e deem a sua opinião sobre a sua estruturação.

Por outra parte, respeito às perguntas respeito ao que acreditam os participantes que é um museu e o que deveria estar no mesmo para representar a cultura de Ferreiros de Tendais, realizou-se uma grelha de forma a facilitar a análise das respostas (ver anexo V), apresentando-se os seguintes resultados:

Em primeiro lugar, enquanto ao **que significa um museu para o participante**, foi possível verificar várias opiniões que partilham a ideia de ser um local onde é possível conhecer a história dum tema em específico e que seja representativo da população. Reforça-se a ideia de ser uma “forma como [eternizamos] e mostramos a cultura e os valores materiais e imateriais da humanidade”, um lugar de partilha de memórias, de história, e de lembranças do passado. É também apresentada a ideia de que o espaço deve ser uma representação das casas de antigamente e um “local de proximidade com as gentes e culturas passadas”.

Em segundo lugar, enquanto a **o que gostavam que tivesse o museu de forma a representar a cultura de Ferreiros de Tendais** é possível sentir uma concordância entre todos os participantes. São apresentadas respostas que reforçam a vontade de mostrar “a sua cultura enraizada na agricultura, na pastorícia, às comidas típicas”. Reforçam esta ideia com a descrição de a freguesia ser uma “terra essencialmente agrícola e vinícola” e que dessa forma deveria estar representado “tudo o que recorde a labuta de outrora sem esquecer a forja de Ferreiro” que deu nome à freguesia.

Para além de descrição mais detalhada sobre elementos essenciais para descrever a freguesia de Ferreiros de Tendais, é apresentada a necessidade de que se mostrem artigos, documentos e testemunhos do que foi a freguesia, para entender a evolução dos hábitos e costumes locais, assim como entender a evolução e a história das roupas, instrumentos de agricultura e de cozinha, instrumentos musicais e mesmo informação sobre a gastronomia de forma a não se dissipar na história.

2.3. Delimitação da problemática

Através das entrevistas, foi possível graças à interação com os habitantes estabelecer como principal problemática a falta de um espaço que permita a preservação e promoção do património cultural local da freguesia de Ferreiros de Tendaís. A presidente da ADCFT, e principal dinamizadora do projeto do museu, reforça a falta de espaços para preservar o conhecimento:

“Há poucos [Museus], há poucos e é pena, porque nós temos coisas bonitas mesmo. (...) A ideia é não deixar perder o conhecimento.”

Para além disso, reforça a falta de apoio de organismos públicos e de investimento na cultura na freguesia. Sendo que tudo o necessário para o museu (para além do espaço que foi cedido pela Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendaís) foi recolhido de parte da ADCFT, como também os fundos para comprar os elementos do museu.

“Pois, tive que comprar [elementos do museu], é assim. Não posso, não posso gastar muito dinheiro. A associação é pequenina, tem poucos sócios”

De forma a replicar no museu uma casa antiga, a ADCFT reforça que é preciso dispor de um espaço maior que permita mostrar todas as divisões do espaço, no entanto, há falta de fundos e de investimento para tal.

“O nosso espaço é muito curto. Ali o adro da igreja é muito pequeno (...) Se chove, a gente não tem onde se proteger (...) Precisamos realmente de um largo, de um espaço grande ou salão. Um salão, onde a gente podia fazer uma noite de fados uma peça de teatro (...) Pronto, eu até já tenho lá um espaço para comprar, mas são 30.000 euros. É uma casa em pedra, em Ferreiros. Tem por baixo uma adega, um lagar, mas 30.000 euros são 30.000 euros e sem ajudas não consigo.”

Para além de dificuldades com o desenvolvimento de um espaço que permita abrir a suas portas à comunidade, a presidente da ADCFT reforça a falta de sentido de comunidade que claramente se torna um impeditivo e um desafio bastante grande para o avanço do museu e da preservação da cultura local.

“Há uma falta ali [de sentido de comunidade], até isso se perdeu com o tempo, que as pessoas eram muito mais unidas, muito mais amigas, conviviam mais e agora estão mais fechadas,”

Maria de Lurdes, entrevistada nº4 reforça o sentimento de mudança de sentimento em relação à vida comunitária antiga. Referindo que:

“Antes era uma maravilha, Toda a gente tudo se ria agora já não se pode falar para uma pessoa, pensam outras coisas. Eu não me importava de voltar.”

As causas que originaram o problema de não haver espaços de preservação são várias, através da recolha de informação dos entrevistados, pesquisa e vivência em primeira mão na freguesia, foi possível apresentar as seguintes.

O que mantém a situação em estado de carência, criando assim desafios que têm que ser solucionados são, por exemplo, a falta de apoios, sejam eles económicos ou investimento de tempo – de parte de organismos públicos para a dinamização de um espaço deste cariz. Como se explicou anteriormente, sendo Ferreiros de Tendaís a freguesia com maior decréscimo de população, isso também se reflete no orçamento da Junta e no que estes podem investir num espaço de preservação cultural, tal como o museu. Veja-se que no orçamento para 2019, existem 500€ “Material de Educação e Recreio”.



ORÇAMENTO
Freguesia de Ferreiros de Tenda

Ano: 2019
(Unidade: EUR)

Código	Descrição	Dotação	Total Cap.
02.01.09	Produtos químicos e farmacêuticos	500,00	
02.01.14	Outro material - Peças	500,00	
02.01.15	Prémios, condecorações e ofertas	500,00	
02.01.17	Ferramentas e utensílios	500,00	
02.01.18	Livros e documentação técnica	150,00	
02.01.19	Artigos honoríficos e de decoração	500,00	
02.01.20	Material de educação, cultura e recreio	500,00	
02.01.21	Outros bens	50,00	
02.02	Aquisição de serviços		
02.02.01	Encargos das instalações	1 000,00	
02.02.02	Limpeza e higiene	500,00	
02.02.03	Conservação de bens	500,00	
02.02.09	Comunicações	1 000,00	

Figura 6. Orçamento Junta de Freguesia de Ferreiros de Tenda 2019. Fonte: Junta de Freguesia de Ferreiros de Tenda

Para além da dotação previamente mencionada, a continuação é possível ver o apoio concedido às entidades associativas (1,500€), sendo elas grandes responsáveis pelas atividades culturais da zona.

04	Transferências correntes		4 200,00
04.07	Instituições sem fins lucrativos		
04.07.01	Instituições sem fins lucrativos		
04.07.01.01	Apoio ao Desporto, Recreio e Lazer	1 500,00	
04.07.01.02	I.P.S.S. e Associações Humanitárias	1 200,00	
04.08	Famílias		
04.08.02	Outras		
04.08.02.01	Apoio a Famílias Carenciadas	1 500,00	

Figura 7. Apoio concedido às entidades associativas de Ferreiros de Tenda. Fonte: Junta de Freguesia de Ferreiros de Tenda.

Para finalizar o estudo do orçamento da freguesia de Ferreiros de Tenda para entender o seu investimento na cultura, é possível verificar a dotação atribuída as atividades culturais de 2019 realizadas pela Freguesia, entre elas: passeio da freguesia, encontro

InterGerações (desenvolvido pela associação ARCAR de Ruivais, mas com apoio da Junta) e o dia da freguesia com o maior investimento.



ORÇAMENTO
Freguesia de Ferreiros de Tendaís

Ano: 2019
(Unidade: EUR)

Código	Descrição	Dotação	Total Cap.
06.02.03.04	Serviços bancários	250,00	
06.02.03.05	Outras		
06.02.03.05.01	Passeio da Freguesia	2 500,00	
06.02.03.05.02	Apoio às Feiras na Freguesia	1 500,00	
06.02.03.05.03	Encontro InterGerações	1 000,00	
06.02.03.05.04	Apoio à mobilidade na Freguesia	100,00	
06.02.03.05.05	Apoio ao Agricultor	1 000,00	
06.02.03.05.06	Apoio às actividades turísticas na Freguesia	1 500,00	
06.02.03.05.07	Dia da Freguesia	3 000,00	
06.02.03.05.99	Diversas	81,00	

Figura 8. Dotação atribuída às atividades culturais. Fonte: Junta de Freguesia de Ferreiros de Tendaís

No entanto, é importante de referir que também há falta de investimento de recursos humanos e de interesse para a dinamização cultural e do próprio espaço do museu, sendo que seria possível desenvolver e candidatar-se a projetos que apoiassem o trabalho da ADCFT e de outras coletividades do concelho. Como refere a Constituição da República Portugal, a mesma atribui ao Estado a tarefa fundamental de proteger e valorizar o património cultural do povo português:

A Constituição da República Portuguesa atribui ao Estado a tarefa fundamental de proteger e valorizar o património cultural do povo português. Dois procedimentos essenciais para o efeito são a classificação (uma declaração formal de que certo bem possui um inestimável valor cultural, com as consequências jurídicas que isso implica) e a inventariação (o levantamento sistemático, actualizado e tendencialmente exaustivo dos bens culturais existentes, com vista à respectiva identificação).

(Fundação Francisco Manuel dos Santos, s.d.)

Para além disso, existe falta de auscultação dos fregueses sobre o seu património. Ao fazer uma pesquisa, seja na Biblioteca Municipal de Cinfães, seja na internet, o

património documentado da freguesia é mínimo, quase nulo. Existe uma necessidade de criar espaços de auscultação sobre as memórias dos fregueses de forma a não perder o que é a cultura da freguesia. Existem documentos informativos sobre a história, cultura e gastronomia da zona de Ferreiros de Tendais, no entanto não existe nenhum espaço em toda a freguesia que permita o acesso e apresentação aos habitantes e/ou habitantes, permitindo assim o desvanecimento destes locais de memória (Châtelain, 1998).

Do mesmo modo, os catorze lugares que compõem a freguesia, não dispõem de representatividade cultural, sendo que estes dispõem muitas vezes de tradições levemente diferentes de aldeia para aldeia, mas sem auscultação, estudo e preservação dessas memórias, pelo que as mesmas começam a dissipar-se, sendo que muitas já se perderam.

Como se disse anteriormente, outra causa que aprofunda a problemática deste projeto é a falta de espaços para promover o património local. A freguesia de Ferreiros de Tendais não conta com nenhum espaço público fechado que permita visitar elementos do passado, tradições, registos audiovisuais, etc. Este facto podia ser combatido com um reforço de eventos culturais, para além dos que já são realizados.

Para além disso, como verificamos nas entrevistas, existe uma falta de perceção do que é um museu. Em todo o concelho de Cinfães existem dois museus: o museu de Serpa Pinto e o Museu Etnográfico de Nespereira, sendo que este é o que se alinha mais com o objetivo do museu de Ferreiros de Tendais. Sem embargo, a deslocação até um lugar afastado de Ferreiros de Tendais resulta complicado para uma população envelhecida que, também não dispõe de transporte público adequado e que, muitas vezes nem sequer sabe da existência do museu em questão. Dessa forma, ao passarem a maioria da sua vida no meio rural que não dispõe de museus, o próprio significado e ideia do que é um museu às vezes não é compreendido pelos mesmos por não ter acesso à cultura.

2.4. Delimitação das necessidades

Junto com as dificuldades e causas que aprofundam esta problemática aparecem as necessidades da freguesia de Ferreiros de Tendais. Neste sentido, identificaram-se as seguintes necessidades: Em primeiro lugar, a criação de um espaço ou ferramenta para permanecer viva a cultura da freguesia de Ferreiros de Tendais. Neste caso através do museu será possível oferecer, pela primeira vez na história de Ferreiros de Tendais, um espaço aberto ao público que seja um espelho da cultura local. Quando confrontados com

a pergunta se gostavam de dispor de um museu para a comunidade, alguns dos entrevistados responderam:

(E4)

“Isso aí dava gosto a pessoa recordar as coisas antigas”

“Eu gostava, de na nossa Terra termos isso então.”

(E5)

“Eu gosto de tudo [do museu] o que lá estiver eu gosto de tudo.”

Em segundo lugar, a representatividade dos fregueses. Através das entrevistas e da criação da rede de representantes locais de cada lugar pertencente à freguesia pretende-se que seja possível representar todos os lugares. Já que com apenas 540 habitantes, torna-se um error gravíssimo que a informação sobre participação na cultura chegue só a contactos mais próximos do organismo publico.

Dessa forma, cria-se o Museu de Ferreiros de Tendais, com foco em desenvolver um espaço que permita divulgar a cultura local para todos os interessados, com especial atenção na parte da representatividade e participação de todos os lugares e os seus habitantes através da mediação.

Por outra parte, as prioridades estabelecidas para alcançar estes objetivos será desenvolver métodos colaborativos para alcançar a representatividade e o desenvolvimento do espaço do museu em conjunto com a ADCFT, principal dinamizadora do Museu.

Assim, a população-alvo são os 540 habitantes da freguesia, composta por 14 lugares: Ruivais, Aldeia, Ferreiros, Vila Boa de Baixo, Vila Boa de Cima, Pimeirô, Covelas, Pelisqueira, Nogueira, Ameal, Chã, Prelada, Riba-Lapa e Castro-Cio.

2.5. Localização do projeto

O projeto situa-se no lugar de Ferreiros, na freguesia de Ferreiros de Tendais. O lugar de Ferreiros trata-se do centro dinamizador da freguesia, já que conta com a sede da Junta de Freguesia, igreja, projetos de agricultura e café mercearia.

O espaço do Museu de Ferreiros de Tendais trata-se da antiga escola do lugar de Ferreiros. Situa-se ao lado da igreja, promovendo assim proximidade do lugar mais turístico atualmente. Após fechar (sem informação de data de fecho) foi alterada para se tornar a junta da freguesia de Ferreiros de Tendais. Há uns anos, com a deslocação da junta para umas novas instalações, foi possível doar este espaço para a associação ADCFT. A mesma sempre intencionou desenvolver o museu neste espaço desde o momento da sua cedência.

Em descrição, trata-se de uma casa térrea no caminho que dispõe de dois andares. Na parte exterior, é possível encontrar um churrasco comunitário e um quadro de aviso de anúncios. É possível aceder ao segundo andar do espaço a partir de umas escadas exteriores. No interior, o primeiro e segundo andar estão também conectados com uma escada interior. O interior das instalações, seja no 1º ou 2º andar, descreve-se por espaços totalmente abertos.



Figura 10. Primeira fotografia da fachada do Museu de Ferreiros de Tendais.



Figura 9. Segunda fotografia da fachada do Museu de Ferreiros de Tendais.

3. PLANIFICAÇÃO

3.1. Objetivos

Em primeiro lugar, é preciso entender que os objetivos são o que se deseja concretizar através da execução do plano previamente organizada, tornando-se o ponto de referência que definem a natureza do projeto e clarificam o plano de ação (Serrano, 2008). O projeto “As memórias d’Aldeia – Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendaís” apresenta assim os seguintes objetivos:

Finalidade:

- Preservação e promoção do património cultural local de Ferreiros de Tendaís.

Objetivo Geral:

- Criação de um museu sobre o património cultural local de Ferreiros de Tendaís

Objetivos específicos:

- Promover a colaboração e o trabalho comunitário na comunidade de Ferreiros de Tendaís
- Desenvolvimento de um método mais colaborativo para a criação do museu, através da mediação da Casa d’Abóbora.

Com estes objetivos em mente, é importante determinar quais são os resultados planeados a obter e o papel que neles representam os elementos envolvidos, sejam estes pessoais ou materiais. Assim sendo, os resultados esperados são:

1. Criar rede de auscultação dos fregueses sobre o seu património;
2. Desenvolvimento de espaço comunitário que permita a preservação do património local;
3. Criação de livro de linguagem popular e espaço digital para possibilidade de visita num formato alternativo;

4. Criação de *branding*¹ e de plataformas digitais

Estes resultados serão possíveis de alcançar com a intervenção de duas instituições: a **ADCFT**, através da disponibilização do espaço, recolção de materiais e investimentos a nível económico para o museu, e a **Casa d'Abóbora**, através do apoio na área do catálogo, auscultação dos fregueses para maior representatividade e na elaboração do livro de linguagem popular e criação de plataforma digital do Museu.

3.2. Metodologia

A metodologia a utilizar descreve-se como qualitativa, participativa, colaborativa, transformativa e flexível de forma que o feedback dos participantes adapte o caminho do projeto através dum formato de investigação-ação.

Como refere Vieira, Marques, Silva, Vieira, & Margarido (2016) a mediação trata-se de um avanço na coesão social, incluindo através da mesma os participantes no conflito, promovendo a capacidade de compreensão e aceitando as diferentes versões da realidade. Para levar a cabo esta metodologia, com foco na participação ativa dos envolvidos, pretende-se que a mediação utilizada fortaleça a livre toma de decisões ao mesmo tempo que permita estabelecer os compromissos necessários.

Com a Casa d'Abóbora atuando como mediadora entre o espaço do museu liderado pela ADCFT e os fregueses se pretende compreender as necessidades e plasma-las no espaço comunitário é preciso, como refere (Torremorell, 2008, p.8) é importante entender que os processos de mediação não vêm, por si só “a contruir a ponte social para um futuro mais humanizado, mas sim que tais processos talvez assente uma das pedras que nos ajudarão a cruzar o rio e ambos os sentidos”. Dessa forma espera-se que a metodologia usada no projeto “As memórias d'Aldeia – A cocriação do Museu de Ferreiros de Tendais” seja participativa e transformativa, alcançando assim o objetivo de apresentar uma ferramenta aos agentes envolvidos que permita utilizar a mediação para compreender as necessidades de cada parte de forma a alcançar um ambiente mais colaborativo.

¹ Processo de criação de uma marca para um produto, serviço, organização ou empresa

Neste sentido, toma relevância o comentado por Vieira et.al (2016), a respeito da mediação transformativa, os quais planteiam:

O sujeito (trans)formado renasce de novo. Já não é apenas produto de uma socialização primaria num dado contexto. É agora um terceiro instruído; uma terceira, quarta, quinta e mais dimensões de ser e estar; uma (re)construção identitária, uma recriação entre o background já possuído e as alternativas culturais constatadas e interiorizadas pelo indivíduo.

(Vieira, Marques, Silva, Vieira, & Margarido, 2016, p.37)

Assim, em respeito à forma da interação com os participantes, o projeto erige-se na base das cinco características planteadas por Bogdan (1982) citado por Triviños (1987, p.128) a respeito da metodologia qualitativa, as quais são:

1. [...] tem o ambiente natural como fonte direta dos dados e o pesquisador como instrumento-chave;
 2. [...] é descritiva;
 3. Os pesquisadores qualitativos estão preocupados com o processo e não simplesmente com os resultados e o produto;
 4. Os pesquisadores qualitativos tendem a analisar seus dados indutivamente;
 5. O significado é a preocupação essencial na abordagem qualitativa [...].
- (Triviños, 1987, p.128)

Dessa forma o presente projeto de intervenção utiliza a metodologia qualitativa pelo seu foco no ambiente natural da situação social, bem como a preocupação pelo processo e não pelos resultados e produto, sendo que o processo de mediação para o desenvolvimento de um museu colaborativo tem como propósito a interação constante com os habitantes e os visitantes. Neste sentido, cabe destacar que esta metodologia no irá ser utilizada unicamente mediante as entrevistas, os questionários e a criação da rede de representantes locais, mas pretende-se também que o museu disponha de um espaço destinado a receber opiniões e críticas construtivas para o melhoramento de um museu mais representativo da comunidade.

Como referido anteriormente, a metodologia qualitativa utilizada será em investigação ação, a qual é apresentada por Carr e Kemmis (1986) como uma forma de questionamento

reflexivo e coletivo de situações sociais, feito em conjunto com os participantes e com vista a melhorar a racionalidade e justiça das práticas sociais e educacionais dos mesmos, bem como a compreensão das práticas e as situações nas quais as práticas são desenvolvidas.

3.3. Plano de atividades

Para o presente projeto de intervenção social estão planeadas atividades que permitirão delimitar o caminho do museu com enfoque na colaboração através do terceiro agente, a Casa d'Abóbora como mediadora. Dessa forma as atividades são as seguintes:

1. Catálogo (ver anexo VI): Registo de todos os utensílios que existem no museu e catalogar com os seus nomes correspondentes. Para tal foi realizado um registo fotográfico às peças do museu para que, com o apoio da ADCFT se pudesse criar uma lista com as suas denominações de forma a serem apresentados num documento para visita e leitura de parte dos visitantes.
2. Auscultação dos fregueses em entrevistas: Realização de entrevistas semiestruturadas para uma seleção de utentes na Associação Desenvolvimento do Alto Concelho de Cinfães com duração aproximadamente de dez minutos cada uma. Foi realizada uma escolha dos entrevistados segundo a sua possibilidade de apresentar um discurso compreensível para registo de informações e também do seu local de proveniência, procurando que fossem de lugares diferentes da freguesia de Ferreiros de Tendais.
3. Auscultação das vontades da ADCFT: Entrevista com a presidente da associação, Dina Silveira, com a duração de aproximadamente trinta minutos de forma a entender vontades da associação, o seu objetivo com o museu e como idealizam o futuro do mesmo.
4. Auscultação dos fregueses em questionários: Distribuição de questionários em formato online e papel. No formato digital foram divulgados nas redes sociais da Casa d'Abóbora e o formato de papel foi distribuído através de representantes locais pelos diferentes lugares da Freguesia de Ferreiros de Tendais. Os questionários contam com cinco perguntas, as quais tentam entender o que é o museu para o participante e que tipo de elementos deveriam estar presentes para representar a cultura de Ferreiros de Tendais.

5. Idealização do museu e da sua estrutura: Criação de ideal estrutura do museu. Através da explicação do que a ADCFT apresenta como visão do museu e com as entrevistas e questionários realizados aos participantes, foi possível criar um design básico de forma a estruturar os espaços, idealizar como se deveriam dividir e que tipo de materiais deveriam apresentar.
6. Desenvolvimento do livro linguagem popular: Desenvolvimento de um livro em estilo dicionário que apresentará o conhecimento previamente recolhido pela ADCFT de palavras e expressões locais. Este livro será apresentado aos visitantes para futura aquisição, assim poderão levar até casa o conhecimento local da zona e divulgá-lo, ajudando a atingir um dos objetivos deste projeto – a preservação do património.
7. Desenvolvimento de *branding* e plataforma digital: Desenvolvimento de uma imagem visual para o museu e criação de redes sociais e plataforma digital que permita a visita ao museu online. Através da criação da página web (e redes sociais) para o Museu de Ferreiros de Tendais, permitirá uma melhor divulgação do trabalho do Museu, do seu catálogo e do seu conhecimento. Permitindo assim alcançar mais gente para que visite o espaço e colocando-o no mapa digital.
8. Preparação do espaço: Com apoio da ADCFT, irá preparar-se toda a estrutura do museu. Esta atividade irá ser realizada após a entrega do projeto de intervenção social. Para tal, será necessário adaptar o espaço, criar as divisões, colocar a catalogação final, preparar as diversas divisões com os utensílios adequados e realizar retoques finais.
9. Apresentação ao público: Abertura do museu ao público de forma a partilhar o resultado. O evento ainda está por programar em colaboração com ADCFT, no entanto idealiza-se um momento de partilha com os fregueses, sempre com foco na partilha da cultura local.

3.4. Estrutura do Museu de Ferreiros de Tendais

Com base na idealização do espaço, como a presidente da ADCFT apresenta, o espaço do museu será convertido de forma a mostrar:

“uma parte rural, com as coisas rurais, outra parte mais senhorial com aquelas coisas que os senhores mais ricos usavam porque os pobres não usavam o mesmo que os ricos não é.”

Dessa forma, para o plano inicial pretende-se que o espaço represente as divisões de uma casa antiga, como cozinha, quarto e sala. Para além disso, terá de apresentar um espaço para apresentação de alfaia agrícola e um espaço representando uma sala de uma escola antiga.

Com reforço na ideia do museu colaborativo, uma parte do museu contará com um espaço onde se possa apresentar as opiniões recolhidas tanto nos questionários realizados durante o processo descrito anteriormente como também através de questionários que estarão disponíveis no lugar.

De forma a contextualizar todos os visitantes, o museu também disporá de uma divisão onde será possível encontrar extratos de livros e revistas onde a freguesia de Ferreiros de Tendaís é mencionada, juntamente com os catorze lugares, partilhando assim parte da história da freguesia com os visitantes e habitantes locais que muitas vezes desconhecem.



Figura 11. Modelagem 2D da entrada do museu. Fonte: Elaboração própria.

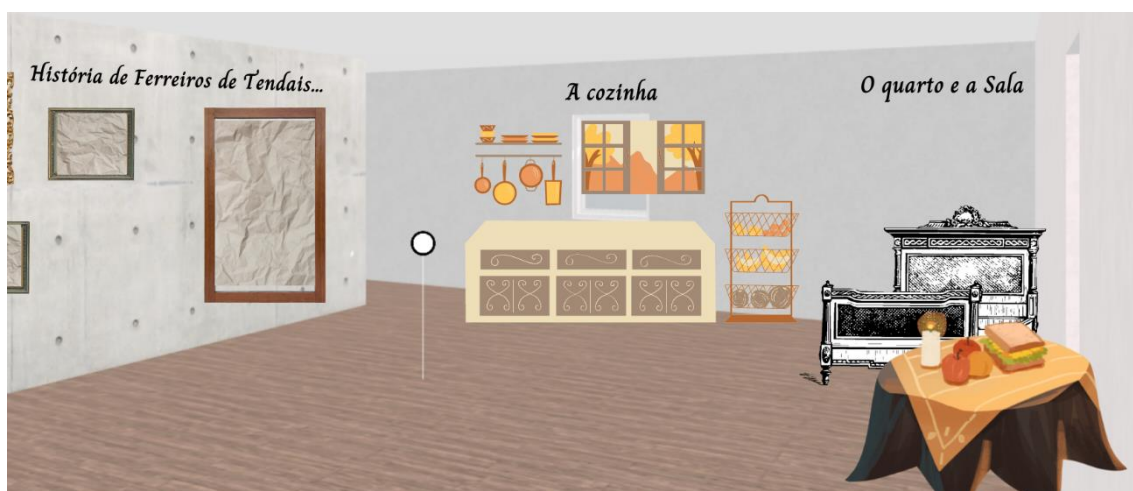


Figura 12. Modelagem 2D do lado esquerdo do museu. Fonte: Elaboração própria.

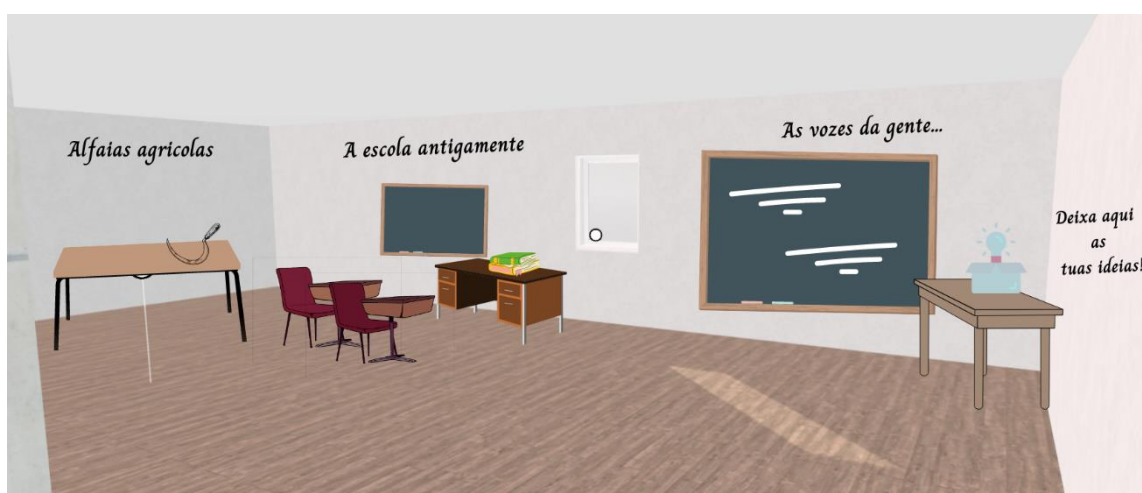


Figura 13. Modelagem 2D do lado direito do museu. Fonte: Elaboração própria.

3.5. Elaboração do “Dicionário de Linguagem Popular”

Como forma de facilitar a difusão e partilha da linguagem popular da freguesia de Ferreiros de Tendais e aproveitando o trabalho realizado previamente pela associação ADCFT, a qual levou a cabo um processo de recolha de palavras antigas que estavam a cair em desuso, irá criar-se um livro de linguagem popular o qual recolherá a informação já auscultada pela ADCFT e que será em formato aberto, isto é, podendo ser atualizado mediante a participação dos visitantes do museu.

Neste sentido, para a preparação do livro foram recolhidas todas as expressões do livro original para um documento digital. Após a transcrição das mesmas, foi requisitado à ADCFT uma verificação do documento de forma a avançar com a estruturação do formato final do livro.

Esta estruturação foi realizada pelos profissionais da associação Casa d'Abóbora, os quais levaram a cabo o processo de correção, edição, diagramação e disposição do livro.

Dessa forma, encontra-se em fase final de edição, conseguindo idealizar que contará com aproximadamente 40 páginas e que terá o seguinte índice:

1. Introdução
2. A ADCFT (Associação Coordenadora) e Casa d'Abóbora (Associação Parceira)
3. Dicionário da linguagem popular (De A-Z)

Neste sentido, no apartado “Introdução” abordar-se-á a importância da linguagem popular no desenvolvimento das comunidades, da história do museu de Ferreiros de Tendais e o seu espaço, e que tipo de artefactos se poderão encontrar no mesmo.

No apartado “ADCFT e Casa d'Abóbora”, irá apresentar-se as duas associações participantes, partilhando os seus objetivos e projetos que dinamizam, de forma que os visitantes entendam quem está por detrás do projeto.

No apartado “dicionário da linguagem popular”, iniciará o dicionário da linguagem popular, estruturando-se pela apresentação das palavras/expressões e os seus significados de forma alfabética.

Com este livro, irá abrir-se uma porta para a preservação do património cultural local, mas especialmente para a sua divulgação através dos participantes. Sendo possível utilizar esta ferramenta em vários momentos de visitas e/ou atividades.

3.6. *Branding* e criação da plataforma digital do Museu de Ferreiros de Tendais

O Museu de Ferreiros de Tendais no momento de intervenção da Casa d'Abóbora, era um espaço com vários objetos de interesse patrimonial que estavam ainda em processo de catálogo. Para além disso, o museu não disponha de forma de se apresentar ao público,

pelo que foi pensado e desenvolvido um *branding* digital, com o apoio dos profissionais da Casa d'Abóbora. Permitindo assim que o projeto liderado pela ADCFT contasse com um logotipo, redes sociais e página web.

Nas redes sociais foi criada uma conta na plataforma Instagram – de forma a estar mais acessível aos jovens locais e possíveis jovens interessados. Para além desta plataforma, foi criada também uma página do Facebook, de forma a ter contacto com a população mais envelhecida que permanece com esta rede social como predileta. Através das duas plataformas, será possível ir divulgando alguns dos momentos do Museu, artefactos que o museu dispõe, e até divulgação de futuros eventos. Dessa forma tornando o espaço digital colaborativo para interagir com os seguidores do espaço através de publicações, comentários e todas as ferramentas que as plataformas apresentam de interação com publico.

Por outra parte, foi criada uma página web do Museu de Ferreiros de Tendaís que permitisse que o museu não fosse só um espaço fechado em quatro paredes, mas sim um espaço aberto a todos os visitantes do mundo que quisessem estudar e entender mais sobre a cultura de Ferreiros de Tendaís.



Figura 15. Logótipo do Museu de Ferreiros de Tendaís. Fonte: Elaboração própria.



Figura 14. Maquete publicação Instagram do Museu de Ferreiros de Tendaís. Fonte: Elaboração própria.

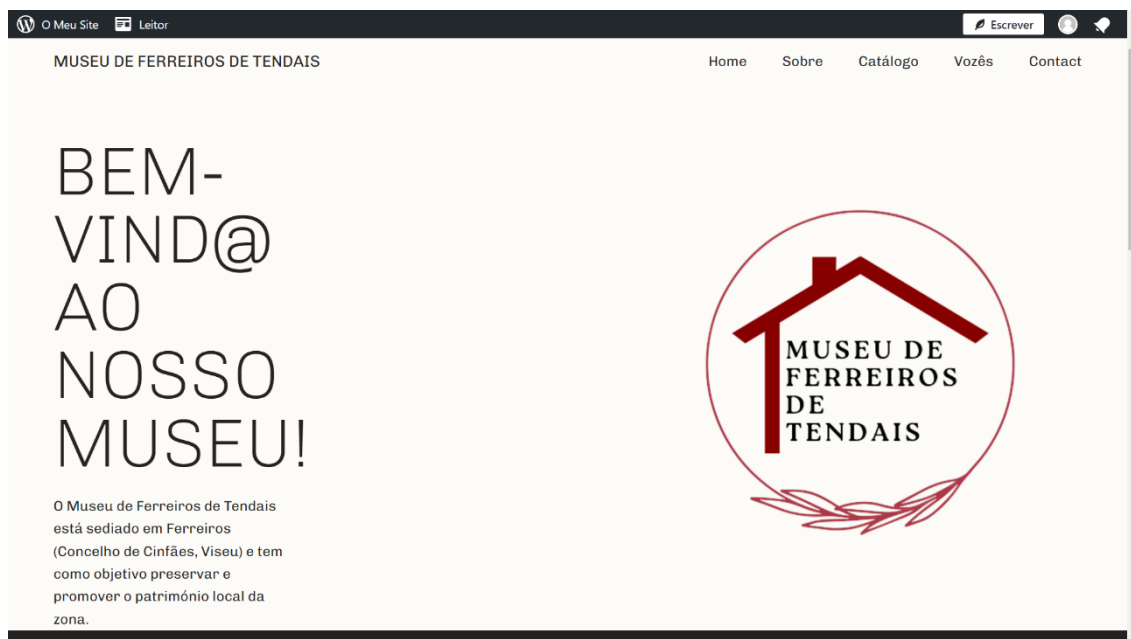


Figura 16. Entrada à página web do Museu de Ferreiros de Tendaís.

3.7. Calendarização de atividades do projeto

A continuação apresenta-se uma carta Gantt que estrutura as atividades a realizar-se durante o projeto.

2021												
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SEP	OCT	NOV	DIC
revisão conceptual*												

2022												
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SEP	OCT	NOV	DIC
Registo de catálogo												
Entrevista presidente ADCFT												
Entrevista utentes ADACC												
Estruturação do museu de Ferreiros de Tendaís												
Criação do Dicionário de Linguagem popular												
Criação plataforma												

2023												
	JAN	FEV	MAR	ABR	MAI	JUN	JUL	AGO	SEP	OCT	NOV	DIC
Reforço em informações sobre museu com ADCFT												
Finalização da escrita do projeto												
Preparação do espaço												
Abertura do museu ao público												

3.8. Recursos

Para a realização deste projeto, serão necessários vários recursos humanos e materiais. Nesse sentido, os recursos necessários e sua respectiva categoria são detalhados a seguir.

Recursos humanos:

1. Colaboradora da Casa d'Abóbora (atual mestranda)
 - a. dinamização de técnicas para o desenvolvimento do Museu como entrevistas, catálogo, planejamento a aplicação da mediação no projeto.
2. Presidente da ADCFT, Dina Silveira como principal impulsionadora do projeto.

Recursos materiais:

1. Investimento já feito de parte da presidente ADCFT.
2. Restantes recursos materiais necessários seriam materiais para decorar o museu, como por exemplo tintas, placas para apresentação da história, colunas, etc.
3. Questionários.

4. APLICAÇÃO-EXECUÇÃO DO MUSEU DE FERREIROS DE TENDAIS

A etapa de aplicação-execução do projeto é caracterizada por ser o momento de pôr em prática todo o previamente planeado. Neste caso a aplicação-execução vai desde a pesquisa sobre a história de Ferreiros de Tendais, à catalogação dos objetos do museu, a mediação com a comunidade, até chegar ao momento de abrir o projeto para o público através do Museu de Ferreiros de Tendais.

Passado as etapas do diagnóstico e planificação e tendo em conta as vozes dos habitantes da freguesia de Ferreiros de Tendais, é necessário avançar para a materialização de todas as atividades que se previram. Há que destacar que até ao momento a maioria das etapas do projeto já foram realizadas, no entanto ainda fica em falta receber questionários de mais fregueses para promover a representatividade, a preparação do espaço do Museu e a abertura ao público.

Tendo em conta o anterior, prevê-se que o projeto responda aos objetivos de preservação e promoção do património cultural local de Ferreiros de Tendais e o desenvolvimento de um método mais colaborativo para a criação do museu através da mediação da Casa d'Abóbora, com base na participação e auscultação dos habitantes e fregueses.

A metodologia deste projeto define-se como qualitativa, participativa, colaborativa, transformativa e flexível de forma que o feedback dos participantes adapte o caminho do projeto através dum formato de investigação-ação direta pelo coordenador de forma a analisar se necessidades e limitações que existem no decorrer da aplicação.

De modo geral, formula-se a seguinte sequência de etapas para o desenvolvimento do projeto e reforça-se que, todas as etapas mencionadas já foram apresentadas anteriormente em relação aos dados e evidências da execução das mesmas:

1. Pesquisa da história da freguesia
2. Registo de catálogo (ver Anexo VI)
3. Entrevistas presidente ADCFT e utentes ADACC
4. Estruturação do museu de Ferreiros de Tendais
5. Criação do Dicionário Linguagem popular

6. Criação plataforma
7. Preparação espaço museu de Ferreiros de Tendaís

Por realizar:

1. Abertura do museu ao público.

5. AVALIAÇÃO

Para o presente projeto de intervenção social, os momentos de avaliação estarão presentes a partir do momento da abertura do museu. A avaliação é um momento de identificação do que se pode melhorar e quais foram os desafios encontrados, como refere Serrano (2008):

A avaliação é um processo de reflexão que permite explicar e avaliar os resultados das ações realizadas. A avaliação permite-nos reconhecer os erros e os sucessos da nossa prática, a fim de corrigir aqueles no futuro. É uma perspectiva dinâmica que nos permite reconhecer os avanços, os retrocessos e os desvios no processo de consolidação e que nos situa na etapa em que nos encontramos com os seus reptos e tarefas, as suas luzes e as suas sombras. (Serrano, 2008, p.81)

Até o momento, as avaliações realizadas foram unicamente subjetivas em relação à receção do projeto de parte dos habitantes, sendo esta bastante positiva em termos de sentimento de envolvimento. Dessa forma, será estabelecido um sistema de controlo que informará de forma continua à ADCFT e à Casa d'Abobora sobre o desenrolar do processo e a obtenção de resultados. A partir da abertura do museu, será possível encontrar no “departamento de museu colaborativo” um questionário que estará ao alcance de todos/as com perguntas de fácil resposta onde será possível que todos os visitantes do museu possam deixar a sua opinião e contribuições para um museu mais representativo da cultura local.

Para além disso, já existe uma estratégia corretiva de forma a prever as situações possíveis e como lidar com as mesmas. As situações que se preveem dividem-se em três:

1. Boa receção do museu de parte dos habitantes e turistas e bom fluxo de visitas
2. Boa receção do museu de parte dos habitantes/turistas e fraco fluxo de visitas
3. Má receção do museu de parte dos habitantes/turistas e pouco fluxo de visitas

As estratégias corretivas para cada situação são as seguintes:

1. Para a situação n °1: De parte da coordenação, manter o espaço digno e cuidado para a continuação de visitas, com especial foco em divulgação nas redes sociais e plataforma digital do espaço.
2. Para a situação n °2: Com um fraco fluxo de visitas a solução seria o desenvolvimento de atividades que dinamizem o museu, tornando o espaço um museu alternativo de forma a convidar os habitantes/turistas a visitarem o espaço ao mesmo tempo que algo esteja a acontecer, como por exemplo: palestra, concerto, exposições. Será realizado também um investimento nas redes sociais e plataforma digital dos eventos a acontecer, como também divulgação do catálogo de forma mais dinâmica para os seguidores.
3. Para a situação n °3: Neste caso, prevê-se uma reunião de intervenção entre a Casa d'Abóbora e a ADCFT, focando nos resultados de visitas e interação com habitantes e turistas. Nesta situação, sendo que os motivos que podem levar à fraca adesão podem ser muitos, será realizado um análise desde o momento da abertura do museu com informação de feedback de visitantes, número de visitas, questionários sobre opiniões do museu preenchidos de forma a priorizar qual foram as maiores causas de má receção de parte dos fregueses e turistas e criando um plano de ação para que a adesão seja maior.

A seguir, apresenta-se uma tabela que apresenta de forma mais detalhada as formas de avaliação de várias atividades incluídas no projeto de cocriação do museu de Ferreiros de Tendais.

Atividade	Método de avaliação	Fonte de Verificação	Quem avalia	Quando
Registo de catálogo (ver Anexo VI)	Reunião aberta em formato mesa-redonda	Intervenções de habitantes através do registo de preservação oral.	A investigadora (Joana Faria)	Após um ano da abertura do museu, será realizada uma atualização e avaliação da representatividade

				dos artefactos do catalogo, através de uma reunião aberta aos habitantes, em formato mesa-redonda para oferecer a sua opinião.
Entrevistas e questionários a habitantes da Freguesia de Ferreiros Tendais	Realização de entrevistas a locais	Gravação de entrevistas	A investigadora (Joana Faria)	Após um ano de abertura do museu, será realizado um estudo de avaliação de impacto, de forma a entender se as pessoas estão mais conscientes do seu património cultural local.
Estruturação do museu de Ferreiros de Tendais	Questionário	Ficheiro físico e digital disponibilizado aos interessados	A investigadora (Joana Faria)	O espaço estará aberto a mudanças devido a questionário proporcionado no museu em relação à representatividade local.

Criação do livro Linguagem popular	-Pesquisa documental e questionário	Ficheiros digitais e em papel disponível	A investigadora (Joana Faria)	1 ano após o projeto iniciar abrir-se-á um questionário à comunidade para adicionar mais palavras locais de forma a lançar a segunda edição do livro.
Criação plataforma	Pesquisa documental	Dados oferecidos pela plataforma relacionado a visitas e interação	A investigadora (Joana Faria)	Após um ano, irá realizar-se uma avaliação às visitantes e interação do publico com a plataforma e redes sociais.
Abertura do museu ao publico.	Reunião Mensal	Registos da ata das reuniões	A investigadora (Joana Faria)	Reuniões mensais para verificar adesão do publico, momentos de avaliação com balanço do ponto de situação.

Tabela 5. Avaliações de atividades do projeto "As memórias d'Aldeia - Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendais"

6. REFLEXÕES FINAIS

Como foi possível observar, este projeto representa uma intervenção social num contexto rural que pretende preservar o património local através da cocriação de um museu que tenha especial atenção as vozes do povo, mediante uma metodologia qualitativa, participativa, colaborativa, transformativa e flexível. Como cofundadora da Casa d'Abóbora e como mestrande do curso MIIS, o principal objetivo era conectar estes dois mundos onde a mediação é a palavra do dia.

Ao viver no meio rural e ao ser confrontada com o rápido que as histórias e a sabedoria se desvanecem, era importante e tornou-se foco criar um projeto que tivesse impacto social, mas que além disso, permitisse a freguesia ficar com um documento académico que tornasse possível a preservação da sua história e convidasse os restantes a seguir este caminho.

O desenvolvimento deste projeto foi um desafio repleto de altos e baixos, seja pela envolvimento dos participantes, bem como o desafio de desenvolver um projeto totalmente novo em termos de área da museologia para a Casa d'Abóbora. É de referir que este projeto, “As memórias d'Aldeia – Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendais” é uma novidade e que os desafios e erros fazem parte do caminho, querer envolver a comunidade e tornar o museu algo inovador através da sua envolvimento pode apresentar situações que poderiam ter sido realizadas de melhor maneira. No entanto, este é o início do projeto, agora a Casa d'Abóbora tornar-se-á um apoio à ADCFT, mas com as ferramentas oferecidas e desenvolvidas acredito que a associação coordenadora do museu tenha cada vez mais impacto a nível local e nacional, podendo trazer mais artefactos e melhorar o seu espaço para conseguir um que alcance todos os seus sonhos no futuro.

Em relação à mediação, está implicado que a mesma estaria sempre presente no projeto, principalmente no momento de interação com os fregueses e habitantes, tornando este tema novo para os mesmos. E este é o meu sonho, conectar o mundo rural com o impacto social e a preservação do património que é local, mas que também é o património dos meus avós e antepassados.

O presente projeto encontra-se em falta de aplicação, tendo-se já iniciado e finalizado parte das atividades e agora o destino final é a estruturação do espaço e a abertura do

mesmo para que os fregueses consigam dispor de um lugar de partilha, preservação e criação de novas memórias.

BIBLIOGRAFÍA

- ADACC (s/f). *Missão, Visão E Valores*. Cinfães, Portugal. Consultado em 15 abril 2022: <https://adaccinfaes.pt/instituicao/missao-visao-e-valores>
- Amado, M., & Carvalho, P. (2013). *Museus e desenvolvimento local – o exemplo do Museu do Pão (Seia)*. Cadernos de Geografia, (32), 247-260. Consultado em 13 março 2022: https://impactum-journals.uc.pt/cadernosgeografia/article/view/32_22/1595
- Ander-Egg, E. (1981): *Metodologia y práctica de la Animación Sociocultural*. Marsiega, Madrid.
- Arroteia, J. C. (2012). Polígonos. Revista De Geografia nº20. *Migrações e desenvolvimento sustentável: uma abordagem geográfica = Migration and sustainable development: a geographical approach.*, pp. 131-146.
- Burton, J.; Dukes, F. (1990). *Conflict: Practices in management, settlement and resolution*. New York: St. Martin's Press, Inc.
- Bush, R. A. B.; Folger, J. P. (1996). *La promesa de la mediación. Cómo afrontar el conflicto através del fortalecimiento propio y el reconocimiento de los otros*. Barcelona: Anthropos.
- Caride, J. (2016). *La Mediación como Pedagogia Social: viejas realidades, nuevos retos para la intervención social*. In R. Vieira; J. Marques; P. Silva; A. Vieira e C. Margarido (Orgs.), *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social* (pp. 13-26). Porto: Afrontamento
- Carr, W., & Kemmis, S. (1986). *Becoming Critical. Education, Knowledge and action research*. Deakin University Press.
- Carvalho, Ana. (2011). Capítulo III. *Os Museus e o Património Cultural Imaterial – que Estratégias Em: Os Museus e o Património Cultural Imaterial: Estratégias para o desenvolvimento de boas práticas*. Évora : Publicações do Cidehus, 2011.
- Châtelain, A. (1998). *Patrimoine Rural, Reflet des terroirs*. Paris : Rempart & Desclée de Brouwer.

- Cordovil, F. (1995). *Desenvolvimento Rural e Conservação do Campo. Comunicação ao Colóquio Os Recursos Agrários, o Mundo Rural e a Conservação*. Lisboa: Instituto Superior de Agronomia.
- Geneall. (s.d.). *Cinfães (Concelho de)*. Portugal. Consultado em janeiro 16, 2022, a partir de <https://geneall.net/pt/mapa/275/cinfaes/>
- Cunha, F.M.B., & Pereira, J.D.L. (2015). *O associativismo como espaço de práticas e educação intergeracional in Pereira*. Intervenção. 191- 200
- Departamento de Património Imaterial e Instituto dos Museus e da Conservação. (2011). *Kit de Recolha de Património Imaterial*. Consultado em 15 abril 2022: http://www.matrizpci.dgpc.pt/matrizpci.web/Download/Kit/KIT%20Recolha%20Patrim%C3%B3nio%20imaterial_Integral.pdf
- Fried, D. (2000). *Nuevos paradigmas en la resolución de conflictos*. Em: D. Fried Schnitman (comp.), *Nuevos Paradigmas en la resolución de conflictos. Perspectivas y prácticas* (pp. 17-40). Buenos Aires: Granica
- Folger, J.P.; Bush, R.A.B. (2000). *"La medición transformadora y la intervención de terceros: los sellos distintivos de un profesional transformador"*. Em D. Fried Schnitman (comp.), *Nuevos Paradigmas en la resolución de conflictos. Perspectivas y prácticas* (pp. 73-97). Buenos Aires: Granica
- Fundação Francisco Manuel dos Santos. (s.d.). *Em que consiste a protecção do património cultural? Que entidades são responsáveis por essa protecção?* Obtido de Fundação Francisco Manuel dos Santos: <https://www.ffms.pt/pt-pt/direitos-e-deveres/em-que-consiste-proteccao-do-patrimonio-cultural-que-entidades-sao-responsaveis>
- Giménez, C. (1997). *La naturaleza de la mediación intercultural*. Consultado em 21 fevereiro 2022: <http://www.colegiocentral.es/wp-content/uploads/2017/12/Carlos-Gimenez-La-Naturaleza-De-La-Mediacion-Intercultural.pdf>
- Arinze, E. (17 de maio de 1999). *The Role of the Museum in Society. Museums, Peace, Democracy and Governance in the 21st Century*. Georgetown, Guyana. Consultado em 26 abril 2022: <https://pdfcoffee.com/the-role-of-a-museum-pdf-free.html>

- Junta de Freguesia Ferreiros de Tendais. (s.d.). *Historial*. Ferreiros de Tendais, Portugal. Consultado em 16 janeiro 2022 de: <http://www.jf-ferreirosdetendais.pt/ferreiros-de-tendais/historial>
- Instituto Nacional de Estatística. (2021). *Censos 2021 – Resultados Provisórios*. Portugal. Consultado em 15 janeiro 2022 de: https://www.ine.pt/scripts/db_censos_2021.html
- Jonathan, Eva; Americano, Naur dos Santos. (2021). *Diferentes modelos: mediação transformativa*. Em: ALMEIDA, Tania; PELAJO, Samantha; JONATHAN, Eva. *Mediação de Conflitos: para iniciantes, praticantes e docentes*. 3. ed. JusPodivm, 2021.
- Kubrusly, A. H. (2021, abril 18). *As memórias vivas das Avenidas Novas: uma Lisboa de outros tempos*. Mensagem de Lisboa. Consultado em janeiro 11, 2022, a partir de <https://amensagem.pt/2021/04/18/avenidas-novas-projeto-memorias-registo/>
- Memória Para Todos (s/d). *Apresentação*. Portugal. Consultado em 15 abril 2022: <https://memoriaparatodos.pt/page.aspx?lang=pt&pid=46&cid=45>
- Mujica, J. (2009, agosto 16). *PEPE MUJICA: COMO DISTRIBUIR LA INTELIGENCIA*. Ctera. Consultado em janeiro 13, 2022, a partir de: <https://www.ctera.org.ar/index.php/previsionales/item/459-pepe-mujica-como-distribuir-la-inteligencia>
- Museo da Memória Rural (s/d). *Museu Sede (Vilarinho da Castanheira)*. Carrazeda de Ansiães, Portugal. Consultado em 15 abril 2022: <https://museudamemoriarural.pt/museu-sede/>
- Museus Ponte de Lima (s/d). *O centro de interpretação*. Ponte de Lima, Portugal. Consultado em 15 abril 2022: www.museuspontedelima.com/pages/987
- Portelli, A. (2006). *O massacre de Civitella Val di Chianna (Toscana: 29 de junho de 1944) mito, política e senso comum*. In J. Amado & M. Ferreira, *Usos e Abusos da História Oral*. Editora FGV: Rio de Janeiro.
- Rego, M. (1 novembro 2021). *Crónica a propósito de memórias e mais quê?* Património.pt. Consultado em janeiro 10, 2022, a partir de:

<https://www.patrimonio.pt/post/cr%C3%B3nica-a-prop%C3%B3sito-de-mem%C3%B3rias-e-mais-qu%C3%A>

Torremorell, M. C. (2008). *Cultura de Mediação e Mudança Social*. Porto Editora.

Touzard, H. (1981). *La mediación y la solución de los conflictos*. Herder.

Triviños, A. N. (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa*. São Paulo: Atlas.

Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., & Margarido, C. (2016). *Pedagogias de Mediação Intercultural e Intervenção Social*. Porto: Edições Afrontamento.

Vieira, R. e Araujo, N. 2018. *Políticas municipais para a inclusão social. Da mediação intercultural à mediação comunitária: mesa-redonda / focus group com as Câmaras da Batalha, Leiria, Marinha Grande e Pombal*. Em Vieira, R., Marques, J., Silva, P., Vieira, A., e Margarido, C. DA MEDIAÇÃO INTERCULTURAL À MEDIAÇÃO COMUNITÁRIA. Estar dentro e estar fora para mediar e intervir (pp. 120-173). Porto, Portugal: Edições Afrontamento.
Consultado em 28 de março 2022 de:
<https://iconline.ipleiria.pt/bitstream/10400.8/3774/1/MMIISCap8.pdf>

Portela, J. (2020). *O meio rural em Portugal: entre o ontem e o amanhã*. Trabalho de Antropologia e Etnologia, 39 (1-2). Obtido de <https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/9681>.

ANEXOS

Anexo I (Transcrição entrevista presidente ADCFT)

Joana Faria | Dina Silveira

JF: Sim exatamente, olha pronto aqui a entrevista que eu gostava de fazer é realizada no âmbito do relatório do projeto não é, do meu mestrado, que em Mediação Intercultural e Intervenção Social, que faz parte da Escola Superior de Educação e Ciências Sociais do Instituto Politécnico de Leiria. E então a temática como tu bem sabes, tem como título “As memórias da aldeia. Cocriação do Museu de Ferreiros de Tendais”. Então, neste caso pronto, Eu Não é, Joana solicito a tua colaboração para a concretização deste estudo. E os dados recolhidos vão ser usados na presente investigação e também no projeto OK? Dessa forma como tu já disseste antes permites me aqui a tua gravação, certo?

E1: Certo

JF: Boa, olha. Estas perguntinhas que pronto são feitas a ti primeiro, és a primeira a ser entrevistada também porque eres quem esteve por detrás de todo o museu, não é? E é uma forma também de situar as pessoas que vão ouvir e que vão ver e vão ler, não é, um bocado deste projeto depois. Como tu falaste, esta vontade de levar a cabo o Museu [de Ferreiros de Tendais] não é, um deste foco do projeto também é torná-lo um museu do povo como tu querias, não é?

E1: Exato a ideia é mesmo essa. É, como futuramente, as pessoas possam ter acesso e possam ver aquilo que a terra tinha de bom. E não só.

JF: Pronto, e então eu pergunto-te quando é que se iniciou a vontade de criar um museu?

E1: Isto é então. Tu sabes que é o museu, foi assim, foi espontânea. Não, não estava nada. Eu comecei a ver as escolas abandonadas e até tinha a ver com a escola de Pimeirô. Pensei assim, acho que ela era boa para fazer uma recolha de objetos pronto, nem estava a pensar em museu e depois, em conversa com o presidente da Junta, ele disse “Porque não crias uma associação e comesas a tratar disso?” e eu falei lá com as miúdas e tal e elas concordaram e pronto. Pusemos mão à obra e começámos a juntar peças. Por enquanto

começo a juntar peças porque não temos espaço suficiente para ainda para escolher. Mas a ideia é criar uma sala onde se possa expor as peças. E depois, terem acesso ao público.

JF: Exato, e quando é que isto foi?

E1: Desculpa, não ouvi?

JF: Quando é que foi, quando é que começou então essa aventura?

E1: Foi em 2019.

JF: Ah, foi há Pouquinho não me lembrava que era há tão pouco tempo.

E1: Sim é pouco tempo em 2019. Nós começamos com muita força. Começamos cheias, cheias de vontade e tem sido tem sido sempre ó Joana, eu vou te pedir, vou, eu tenho que sair daqui que senão. Espera só um bocadinho

JF: Estás à vontade.

E1: Estou a ter uma reunião online está muito barulho aqui.

JF: Isso é o dá jeito é que haja mais espaço. Boa, então, diz-me quando é que consegues falar?

E1: Agora já estou, já pus todo o pessoal fora de casa. Pronto já está, desculpa.

JF: Pronto estavas a dizer que foi em 2019, não é?

E1: Quando eu criei a associação foi em maio de 2019. E isto começou para aí em fevereiro/março. Quando a gente se lembrou disso.

JF: E quando pensaste na questão da associação e do Museu para ti, como dinamizadora, diz-me, qual era o propósito de ter o museu?

E1: Propósito, era não deixar perder os usos, os costumes da terra, os artefactos que a terra tem, portanto, as peças de agricultura, de cozinha aqui pronto que se deixou de utilizar, entretanto e que têm tendência a desaparecer. E a minha ideia era preservar essas essas peças que pronto que, tanto nos lembra a nossa infância, a minha infância, não é? E a de muita gente e que os meus filhos já não sabem o que é, já não conhecem. Porque eu às vezes mostro uma peça daquelas e digo à minha filha, sabes o que é isto? E responde

não. Não sabe para que isto serve. A ideia é não deixar perder o conhecimento é, sabendo que ele não tem tempo todo.

JF: Sim, até porque à nossa volta não há assim tantos museus.

E1: Há poucos, há poucos e é pena, porque nós temos coisas bonitas mesmo, há peça giríssimas que eu me lembro, desde o lavatório que a minha mãe usava para lavar a cara com esmalte, que é uma peça que eu já consegui arranjar. A candeia, o lampião, todas essas coisas que agora já não se usa, porque há eletricidade deixou de se usar essas coisas. Mas é bom a gente preservá-las e tê-las e saber que em tempos se usou aquilo

JF: Sim, e era o que estavas a dizer de, eram românticos os objetos, não é? Era tudo um processo o objeto. Aqui uma lâmpada que temos agora em dia, antes tinha a história por detrás, todo o uso.

E1: Exato. O nosso serão era à luz da candeia, quê é que a gente fazia, com aquela luz pequenininha. Estávamos todos ali naquele ambiente meio escuro e era assim que a gente passava os serões. E é baseado nessas peças, nessas recordações. Algumas já não são minhas, são mais antigas, mas pronto há coisas que já não são do meu tempo. Mas a parte da candeia ainda são, tudo aquilo que é antigo que eu gosto de preservar e gosto de ver e tenho pena que desapareça e por isso é que eu penso...

JF: Claro

E1: E esforço-me. Cada vez que me lembro, olha lembro-me desta peça quando era miúda... Onde é que eu posso encontrar isso? E minha meta é conseguir arranjar.

JF: Mas bom que tens um objetivo, e aqui em relação aos objetos, tu foste-os conseguindo em várias partes?

E1: Sim, uns eram meus, outros pedia-os as pessoas que os tinham guardados, alguns até comprei, alguns deles comprei. Por exemplo o lavatório, tive que comprar, porque não consegui arranjar.

JF: Ah, não conseguiste.

E1: Pois, tive que comprar, é assim. Não posso, não posso gastar muito dinheiro. A associação é pequenina, tem poucos sócios, mas vai-se conseguindo com algum do dinheiro dos sócios.

JF: Mas é a história.

E1: Vai-se comprando algumas peças. Pronto eu, olha, por exemplo, está lá um carro, um carro de vacas, um carro de madeira à venda, só que eu ainda não o compro, porque não tenho onde guardar, não vou comprar para o ter à chuva, que ele vai-se estragar todo.

JF: Claro, sim era preciso um espaço maior.

E1: É. Quando eu tiver um sítio para guardar, já vou comprar um, porque eu sei que é difícil arranjá-lo se não o comprar. Não são coisas que as pessoas vendem.

JF: E onde estão a vender? Aqui?

E1: Sim, em Ferreiros. É o Fernando.

JF: Ah, já sei, sei e quanto é que é o preço normalmente?

E1: Eu acho que eu queria 200,00€, 250,00€ acho.

JF: Não é assim tão caro.

E1: Não é muito caro, ele já não está novo. Já esta bem danificado, mas não tenho onde o guardar, para o ter a chuva não vale a pena.

JF: Não, tens razão. Pronto, aqui voltando um bocadinho ao que era o passado, o que é que te levou aqui a desenvolver este projeto e levar a cabo o museu? Agora, olhando um bocadinho para o futuro do mesmo. Como é que idealizas o futuro do Museu?

E1: Eu, o futuro do museu, não está fácil. Porque não há muita gente a colaborar, as pessoas têm as peças e gostam de as ter em casa e tê-las, enfiadas num canto, do que as dar para o museu. E a nível de espaço, eu agora estou a trabalhar, não tenho grande tempo, mas daqui mais 3 anos, reformo-me. Então penso ir para aí e ficar corpo e alma, com eventos, com festas para arranjar dinheiro. Para se conseguir arranjar um espaço, ter um projeto. Candidatar-me a um projeto, para ver se consigo realmente um espaço bom para avançar com isso.

JF: Consegues claro que consegues! Com a nossa ajuda sempre atrás.

E1: Claro, eu estou sempre a contar convosco, com todos. Pronto, eu até já tenho lá um espaço para comprar, mas são 30.000 euros. É uma casa em pedra, em Ferreiros. tem por baixo uma adega, um lagar, mas 30.000 euros são 30.000 euros e sem ajudas não consigo.

JF: Não, mas, mas também é isso, pode ser dito com outro tom, são 30.000 EUR, não é? Depende do financiamento que conseguires.

E1: Pois, mas gasto mais um 100.000 para pôr aquilo como deve ser.

JF: Pois isso já são outros quinhentos.

E1: Mas assim a gente tendo o espaço, depois vai-se fazendo devagarinho e vai-se conseguindo ir arrançando. Aquela parte de pedra pronto é só dar ali um jeito, depois uns aumentos e já está. Mas é preciso começar pelo princípio, é preciso realmente haver dinheiro para isso.

JF: Pois, e então é isso em que formato o vês prosperar? Tu estás a ver agora o museu num espaço mais pequeno, em que formato é que então o vês a prosperar, a crescer?

E1: Ora a minha ideia era fazer uma parte rural, com as coisas rurais, e outra parte mais senhorial com aquelas coisas que os senhores mais ricos usavam porque os pobres não usavam o mesmo que os ricos, não é. Os móveis dos pobres não eram iguais, as roupas não eram iguais. Por isso há várias diferenças aí, já consegui alguns móveis também antigos. Pronto, ainda não os tenho lá porque não tenho espaço, mas tenho-os na minha casa.

JF: Pronto, mas já é bom.

E1: É verdade, tenho lá alguns. Tenho lá um loiceiro, já tenho algumas umas coisas que quero por lá, mas agora não dá. Pronto, e depois ter uma parte em que não só da terra, mas tudo que é antigo, de outras terras... fazer ali uma mistura do nosso e de Bragança, Alentejo. Sei lá, peças soltas, coisas que eu me lembro e que tem uma história. Estou-me a lembrar daquelas conchas de madeira que os alentejanos usam para a água, que são muito antigas.

JF: Ah, ok. Olha!

E1: Usavam para beber a água, mas agora já ninguém vai beber água ao poço. Eu tenho uma lá em minha casa.

JF: Ah tens, e usava-se aqui?

E1: Aqui em Ferreiros não, usava-se uma folha, um copo... Não se usava propriamente esse tipo de coisas para beber água. Mas no Alentejo usava-se uma colher de madeira funda com o rabo comprido que eles iam ao poço e bebiam. E consegui no Alentejo arranjar uma coisa dessas. Portanto, terei de ter uma parte no museu e que seja internacional.

JF: Claro, mais internacional.

E1: Exato. Mas grande aposta e na força será ali a zona, as coisas ali da terra.

JF: Muito bem, e agora, já estavas a dizer também estavas com a ideia de que gostarias de fazer eventos e tudo, mas em que formato? O que é que idealizavas?

E1: Eu... Assim para todos esses eventos temos que ter espaço. O nosso espaço é muito curto. Ali o adro da Igreja é muito pequeno. Se chove, a gente não tem onde se proteger, nada, não é? Precisamos realmente de um largo, de um espaço grande ou salão. Um salão, onde a gente poderia fazer uma noite de fados, uma peça de teatro...

JF: Claro. Um evento, vários eventos que também pronto de alguma forma recolhessem um bocadinho da cultura, mas que também ajudassem a investir dinheiro.

E1: Tenho um grupo de teatro de revista que vai aí de graça só pela comida só que temos que ter alojamento e comida para lhe dar...

JF: Claro, e um espaço.

E1: Claro um espaço para fazer o tal teatro para as pessoas puderem fazer. Tenho a certeza de que o pessoal do teatro de revista a vir, o pessoal ia adorar, porque é uma coisa que não se vê todos os dias, não é?

JF: E é cultura, é cultura aqui, percebes? É o que nós comentamos...

E1: Eu tenho dito às já disse, já disse uma vez ao presidente da Câmara, se as pessoas não vão à cultura, tem que se trazer a cultura as pessoas. Só para isso, é preciso ter condições.

JF: Exato e até porque depois as pessoas perguntam “O quê precisam aqui?”, “Ah nada, nada”, porque também o que eles tinham de cultura era a comunidade, não é. Era eles saírem e estar com as pessoas e tudo. E, como isso já foi indo embora, porque estas aldeias estão cada vez também mais *abandonadas?

E1: É, é.

JF: E eles não sabem que se viesse um concerto lhes ia fazer muito felizes ou se viesse um teatro que lhes ia fazer muito feliz.

E1: Mas faz, mas faz. Porque eu fiz agora a festa de Santo António e as pessoas adoraram e ficaram todas contentes e gostaram imenso. Aconteceu aquele problema, começou a chover, a gente não estava a contar

JF: Eu não estava cá no fim de semana... começou a chover?

D: Tivemos de montar toldos e não sei que, enquanto estava a chover e depois de ter tudo montado não voltou a chover mais. É o que estou a dizer o largo é pequenino a pessoa não pode estar ali a montar uma coisa e deixar ali durante dias, não é. Se tivéssemos um espaço onde pudéssemos fazer isso.

JF: Já era outra coisa, não é?

E1: Terá que se motivar a Camara e a Junta, e as pessoas também, porque as pessoas é assim não é. Eu fui falar com, pronto, pedir para alargarem o largo da igreja e pediram um balúrdio por aquele bocadinho de terreno para alargar o largo da Igreja. Uma coisa não tem, não tem lógica, também é se fosse eu, eu pessoalmente, olha, eu dou esse bocado de terreno à população. Mas pronto, não, às pessoas são um bocado agarradas. Muito individualistas ainda. Muito viradas para elas. Há uma falta ali, até isso se perdeu com O Tempo, que as pessoas eram muito mais unidas, muito mais amigas, conviviam mais e agora estão mais fechadas, mais egoístas, pronto.

JF: Exatamente, a vida já não está tanto na rua como antes, não é? Então isso também esta a afetar a personalidade de todos.

E1: Eu lembro quando ia para casa dos vizinhos à noite no Inverno, porque as noites eram muito grandes, não se podia trabalhar e então íamos para a casa dos vizinhos. Os mais

novos a contar anedotas, a jogar às cartas, às mães a fazer meia e é pronto. E era assim, passávamos parte da noite, depois voltávamos para casa, a minha mãe fazia uma caneca de café, aquecíamos os pés a lareira e íamos para cama e eram os nossos serões. E eu adorava aquilo, tenho imensa saudade desse tempo.

JF: Ah, isso era uma das coisas. Era a próxima pergunta que era pronto, se calhar vendo um bocadinho por estação, porque também mudava muito. Como é que era um dia normal antigamente, enquanto vivias aqui, como é que era um dia normal, se calhar no Verão?

E1: Era Difícil, era difícil, mas havia uma sensação de liberdade que não há hoje. Era difícil para nós, trabalhávamos muito e eu vim para Lisboa com 11 anos, mas mesmo assim antes. De ir para Lisboa, já trabalhava muito. Ali não havia, a gente levantava se sempre que o sol nascia, saltava tudo da cama, não é no Verão, porque era para aproveitar a hora mais fresca, Não é. Pronto eu ia com as vacas para o monte, outros iam cortar erva, outros iam apanhar milho... Pronto, todos, todos trabalhavam e depois chegava a hora do almoço, almoçámos e ficávamos ali um bocadinho a descansar na hora de maior calor e até às 4:00 da tarde e depois à tarde estávamos a trabalhar até ficar escuro até ficar de noite. Achando naqueles momentos bocadinhos para brincar, não é, mas não era fácil.

JF: E o que é que em que trabalhavam? A tua família?

E1: Na terra, a gente... Eu ia cortar erva, ia apanhar feijão, ia com as vacas para o monte, ia buscar lenha.

JF: OK era assim, dividido de forma entre todos os irmãos?

E1: É os mais novos faziam os trabalhos mais leves os mais velhos faziam os trabalhos mais pesados. Eu com 7,8 anos, não andava a cavar, mas apanhar erva, apanhava lenha, apanhava uvas, apanhava feijões. Depois era preciso molhar o feijão e tirar a casca do feijão. Isso era a gente fazia a noite, pois a luz da Candeia fazia assim e pronto

JF: Que bonito. E, por exemplo, no tempo de Verão, que tipo de comida se comia

E1: Pois, na minha casa, sempre se comia sopa, em todas as refeições. Que era o caldo, mal, mal.... Pronto com umas couvitas, umas as batatas, às vezes feijõezinhos e pronto e pouco mais, e depois umas vezes comia-se, pá, nem sempre batatas cozidas e sardinhas, o bacalhau, provavelmente se comia arroz na minha casa. Quando eu me lembro que era

miúda depois, depois estava mais crescida, já era diferente. Mas quando era miúda até aos 8 – 9 anos, que é que eu me lembro mais da agricultura? Na Terra, um bocadinho de bacalhau um bocadinho sardinhas, carne raramente se comia quando se matava o porco aquilo Depois, a minha mãe cozia, por exemplo, um bocado de carne na sopa era um bocadinho a cada um com um bocado de pau e pronto. Não, se não se comia assim, muito, não é? E depois comia-se a frutas, a fruta que havia que a gente apanhava, pronto e comia. Eu ainda me lembro das cebolas ainda serem pequeninas e eu ir lá prová-las para comer assim sem sal nem nada.

JF: Uau!

E1: É, e os nabos também

JF: Os nabos?

E1: É! Eram pequeninos eram docinhos, a gente apanhava, arrancava e comia. às escondidas!

JF: Às escondidas ninguém vê! E no inverno, como é que era um dia normal em inverno?

E1: O dia normal no Inverno é assim sempre que eu ficava de dia, nós saímos para trabalhar pronto. Tínhamos os animais. Tínhamos que levar os animais a pastar tinha que se apanhar comida para os animais, lenha... aquilo que era necessário e depois à noite ficavam lá Todos a conversar, todos a contar anedotas, sei lá, a engarrar umas com as outras porque nós eramos muitas...

JF: Para aproveitar, famílias grandes tem que ser para alguma coisa.

E1: Quando o meu pai não estava, porque se ele estivesse a gente não podia embirrar. Porque ele não autorizava, tínhamos que nos portar todas bem. O meu pai lá às vezes contava as suas peripécias dele e depois lá íamos para a cama.

JF: Isso e o teu pai e a tua mãe trabalhavam. Só na Terra, então?

E1: O pai é meu pai, trabalhava, meu pai era carpinteiro, trabalhava com Madeira e trabalhava muito fora e pronto, a minha mãe ficava e as minhas irmãs. E ele ficava em

casa quando havia aqueles trabalhos mais pesados, eram elas que faziam. Era o trabalho das mulheres.

JF: E assim voltando um pouquinho atras, se pensas, como era a tua casa então, consegues me descrever assim um bocadinho?

E1: Perfeitamente! A minha casa, minha casa tinha um quarto grande, só tinha um quarto. Tinha uma sala e tinha uma cozinha? E por baixo tinha um curral, que é chamado a corte, onde tínhamos as vacas, o porco, pronto é aquele quarto era grande e era dividido com madeira E de um lado aquilo que tinha era tipo biombo, mas era de madeira, não chegava acima. De um lado, tinha a cama de meus pais e do outro lado tinha duas camas que eram as nossas. E na sala tinha mais uma cama, quando dormiam, as outras que nós éramos seis raparigas.

JF: Então vocês dormiam duas em cada cama?

E1: Duas em cada cama, sim.

JF: Naquelas pequenitas, não é?

E1: E dormimos naquele quarto, dormimos 6 pessoas, meus pais e as outras na sala.

JF: E em termos, então imagina abras a porta? E tinhas a casa de banho dentro?

E1: Não, não, nem casa de banho tínhamos. A casa de banho era no curral, na parte de baixo, na corte. Nós tínhamos, o meu pai fez, chamada uma retrete lá em baixo que tinha um banco em madeira e tínhamos uma tampa e pronto.

JF: Claro, como uma boa casa de banho portuguesa, não pode faltar.

E1: Era fora de casa, não eram bem encostada a casa era mais abaixo um bocadinho.

JF: Boa e então vocês tinham a cozinha?

E1: A cozinha era relativamente grande, pois tinha, tinha a lareira, a gente entrava na porta e do lado do lado esquerdo, era a lareira. E depois tinha outra porta em frente descia para ir em baixo à adega.

JF: OK.

E1: E tínhamos outra porta que dava para a sala, mas também tínhamos uma porta da rua para a sala. Tinha uma escada em pedra e depois tinha um. Pátio em pedra grande e nós entrávamos para a sala.

JF: Bom e era em ferreiros

E1: Era, era na Rocha, pertencia a Ferreiros, mas tinha o nome da Rocha

JF: É, Como É Que É?

E1: Na Rocha.

JF: Na Rocha, mas essa aldeia ou esse espaço continua a existir?

E1: É, essa casa já caiu, essa casa. Aquilo ficou deserto, houve lá fogo, e aquilo caiu. A casa era toda em pedra.

JF: Que linda, então era 2 andares, não é o típico adega em baixo e na parte de cima.

E1: Tinha a parte da adega atras, e na parte da frente tinha o curral onde a gente tinha o porco.

JF: Boa. E tinha um terreno também?

E1: Tínhamos, muitos terrenos. Aquilo era chamada uma quinta, tinha muita terra.

JF: E a tua família sempre foi sempre dessa zona?

E1: É sim, nós, quer dizer a minha mãe era de Oliveira, meu pai era de Ramires. Mas depois vieram para, ficamos aí em Aldeia, em Ruivais, tivemos sempre aí a volta, mas sempre em Ferreiros.

JF: Há, mas também estiveram em outras casinhas também. Também estiveram em Aldeia?

E1: Sim, mas eu aí ainda era pequenina, pequenina.

JF: Ah, que lindo e sabes onde moraram?

E1: Onde eu nasci sei.

JF: E foi em Aldeia?

E1: Foi no Oivais? Na parte de cima.

JF: Ah, que lindo, não sabia.

E1: Houve uma altura em que queria comprar, eu queria comprar aquilo, mas eles não vendiam, agora já vendem, mas agora eu já não quero. Agora já tenho.

JF: Agora já tens, é isso. Pronto ok, depois desta volta através no tempo, agora para voltar aqui a questão da criação do Museu, do museu com as pessoas. O museu, que seja um museu do reflexo do povo, não é? Queria perguntar-te o que é para ti um museu?

E1: Um museu é um espaço, um espaço onde, pronto se pode ver e apreciar é coisas Antigas coisas que já estejam em vias de extinção. Que já não se vejam todos os dias, quer dizer, até pode ter coisas que sejam de todos os dias, mas a grande maioria são Coisas que, pronto já, não estão em uso. Pronto e basicamente é isso, é preservar o património.

JF: E pensando assim um bocadinho mais em formato local. O que é que tu gostarias de ver neste museu? Para o identificar como elemento importante de Ferreiros de Tendaís, vamos imaginar por que vai ser, não é? Quando esteja finalizado, vai ser um elemento de Ferreiros de Tendaís e um algo apontar como um espaço que preserva também a cultura. E o que é que gostavas de ver então no museu? Já falamos um bocadinho, mas expandir um bocadinho, não é? O que é que gostavas de ver no museu para tornar identitário De Ferreiros?

E1: Tudo, tudo! Desde as peças da agricultura, as peças da cozinha, a traje. Gostava de ver lá tudo. Gosto dos trajes da Serra que era a tradicional capucha, a carroça que era feita com palha, que era uma capa com palha, que é que é lindíssimo, pronto. Eu quero mandar fazer uma, porque sei também onde fazem...

JF: Nas casinhas do, como é que é?

E1: Nas Casinhas do Colmo, lá na gralheira. Não e na gralheira, é em Vale de Papas

JF: Vale de Papas, exato.

E1: Em vale de papas é que fazem, mas pronto tudo isso custa dinheiro. E é preciso reunir para se comprar. A carroça e a capucha, a capucha já tenho. A Mulher do presidente deu-me

JF: Ah boa!

E1: Agora essa carroça de palha tenho de mandar fazer. Ele tem lá em Pimeirô tem uma, mas claro que não a dão.

JF: Claro, diz-me Dina.

E1: A carroça de palha, as pessoas usavam no Inverno, porque aquilo aquecia e não deixava entrar a água. E escorria, não havia dinheiro para comprar casacos impermeáveis.

JF: Impermeáveis também não existiam!

E1: Exatamente não havia, então era a forma que as pessoas tinham de se proteger e de se aquecer.

JF: A que lindo. Pronto, olha em termos aqui da entrevista semiestruturadas está tudo por isso, olha antes vou parar aqui a gravação. Muito obrigada!

Anexo II (Transcrição entrevistas utentes ADACC)

ENTREVISTA D. BRANCA | ENTREVISTADA 2 | PELISQUEIRA

JF: Estamos a fazer umas perguntinhas, porque em Ferreiros, lembra-se onde é que era a antiga escola?

E2: Lembro

JF: À beira da Igreja, que depois foi a junta também. Pronto esse espacinho agora no futuro, vai ser um museu. Para mostrar como é que viviam antigamente nas pessoas, como é que se vivia, o que é que havia nas casas. Vai ser muito bonito e então nós estávamos a fazer algumas perguntas as pessoas que são de Ferreiros de Tendaís e para que também seja parecido o museu.

E2: Eu não sou de Ferreiros, sou de Pelisqueira, lá de baixo

JF: Mas é da freguesia! É isso! Não é só para perguntar aos de Ferreiros.

E2: Antes, era onde a gente tinha catequese, era onde a gente ia.

JF: Era tudo em Ferreiros, não é?

E2: É na igreja, e outras coisas que havia que...

JF: Que bom, que bonito, pronto. Então, olhe, vamos começar que você vai-me contar isso tudo. Então diga-me o seu nome?

E2: Branca Augusta de Cunha

JF: Muito bem, e você, então é de que aldeia? De que Aldeia é?

E2: Pelisqueira.

JF: E viveu lá toda a sua vida?

E2: Não tive, quer dizer, agora já vivo por lá há muitos anos que fiz a, mas eu sou viúva.

JF: E onde é que vivia antes?

E2: Vivia com o meu marido e dantes, estava com os meus pais e era também lá em Pelisqueira, também mesmo pertinho da minha casa.

JF: E você nasceu em Pelisqueira?

E2: Nasci

JF: Nascida e criada.

E2: Nascida e criada. E depois fui... passei tantos trabalhos. Passei, fui... andava num campo a trabalhar com a minha mãe, porque o meu pai era carpinteiro e electricista e fazia de tudo e marceneiro, fazia de tudo. Mas tinha a quase sempre em Covelas, naquela casa, que a loja do Senhor Álvaro. Tinha quase sempre diário trabalhava lá quase diário, porque lá fazia-se os caixões à Serra e para todo o lado.

JF: Para que é que se faziam caixões?

E2: Era o meu pai, para quando morria alguém

JF: Ah, caixões mortuários

E2: Mas às vezes, ele às vezes estava a trabalhar Até de Manhã, claro.

JF: A sério?

E2: É, então porque era ali tudo feito...

JF: Claro, fazia tudo em Covelas, então o seu pai ia de Pelisqueira até Covelas. E como ia? A pé?

E2: É, ia a pé, é pertinho. e então ele trabalhava há quase sempre diário ali com o senhor Álvaro, eles eram muitos nossos amigos.

JF: E você e sua mãe trabalhavam em casa, então?

E2: É, a gente trabalhava na Terra porque tinha que ser. E eu era pequenita e a minha irmã mais velha, que já lá está coitadinha já morreu. Como era mais velha 2 anos que Eu, a minha falecida mãe de dois em dois anos tinha os filhos.

JF: Ah tinha? Quantos irmãos teve então?

E2: Bem, era, eu era a minha irmã Piedade Era Eu, era a minha irmã Maria Sofia, que é farmacêutica, que está em Valongo

JF: Está em Valongo? Muito bem.

E2: Sim trabalha, trabalhava agora tem estado doente.

JF: Pronto, então.

E2: Trabalhava bastante na farmácia da lapa.

JF: Muito bem, então eram 3 irmãs.

E2: Três irmãs e a Maria Clementina, quatro irmãs e o mais o meu irmão cinco.

JF: Muito bem, então 4 meninas e um menino, muito bem.

E2: O irmão mora ali ao pé de mim, na casa dos meus pais.

JF: muito bem, ficaram vizinhos, não é? E o que é que você fazia antigamente? Então, acordava.

E2: Trabalhava na Terra com a minha mãe e a minha irmã trabalhamos, fazemos o que podíamos

JF: E o que é que faziam?

E2: Cavar, semear as coisas, sachar, os milhos e assim.

JF: Preparar tudo, não é? E cantavam alguma música quando trabalhavam?

E2: Não, não tínhamos nada.

JF: Punham o radio?

E2: Não, não tínhamos nada...

JF: Também não tinha? Falavam umas com as outras, não é?

E2: É, assim lá íamos ajudando a minha mãe, mais pequenitas tinha as mãos pequenitas

JF: E depois, quando foi mais velha, o que é que fez?

E2: Depois, depois fui morar para o Porto.

JF: Então você foi para o Porto depois.

E2: Estive no Porto com umas Senhoras, que era de família, era... Como é que hei de dizer. Sobrinha, tia do doutor Óscar, o falecido Doutor Óscar.

JF: E quem era? O Doutor Óscar. Era de aqui?

E2: O doutor Óscar tinha casa no Porto, mas tinha aqui em Covelas, e tem o filho que mora em Covelas.

JF: Pronto então, e você, com quantos anos é que foi para o Porto?

E2: Novita, eles quiseram que eu fosse...

JF: Eu lembrasse mais ou menos em que idade?

E2: A senhora Gostava muito de mim...

JF: E lá foi trabalhar...

E2: Era uma Senhora já de idade. E trabalhava pouco.

JF: E você ficou lá a morar?

E2: Mas fiquei lá com ela, era a companhia dela. Depois vim para Casa, ela morreu, vim para Casa e já mais grandota.

JF: Quantos anos tinha mais ou menos quando voltou?

E2: Não posso dizer... estou um bocadinho Baralhada da minha cabeça.

JF: Pronto, mas voltou, não é, voltou. E o que fez?

E2: Comecei a Namorar, com o meu falecido marido.

JF: E o que que ele fazia? Em que é que trabalhava?

E2: Era nas terras também. E eu continuei a trabalhar quando casei. Quer dizer com 20

anos, foi preciso os meus pais darem o consentimento, antes era preciso. E pronto vivia assim, depois tivemos muito tempo a fazer terras nas terras de fora Claro.

JF: Vocês os dois trabalhavam nas terras então?

E2: Era metade para os patrões e metade para nós.

JF: E era o que plantavam, tinham animais também?

E2: Tínhamos uma vaca.

JF: Ah, tinham uma vaca. E que que faziam? aproveitavam o leitinho que dava?

E2: Não, era mais para... Não tínhamos leite.

JF: Era mais para comer depois se calhar não?

E2: Não, era só para a mudar e fazer estrume. E depois, ainda estive uns anos a fazer a terra. Depois, os meus primos estavam em Lisboa e quiseram que a gente fosse para Lisboa e deixamos as terras e fomos para Lisboa. Estive lá ainda uns aninhos.

JF: Mas então chegou a voltar outra vez?

E2: Depois viemos outra vez, quando a gente depois fez a casinha.

ENTREVISTA D. LURDES | ENTREVISTADA Nº3 | ALDEIA

JF: Então diga lá outra vez o seu nome. Como é que chama?

E3: Então já sabe, Maria de Lurdes.

JF: E é da aldeia chamada...

E3: Aldeia.

E2: Muito bem pronto, estava no dizer no dia, NOS dias passados, não. É um dia Normal quando você era jovem, acordava de manhã. Tomava o seu café e ia para onde para?

E3: Para os campos.

JF: Muito bem, e que campos é que eram?

E3: Aí na Aldeia...

JF: Para cima. Para o monte? E que animais é que tinha?

E3: Tinha ovelhas, tinha vacas...

JF: E também era pastora? Também ia pastar as ovelhinhas?

E3: Eram poucas, era só uma.

JF: Ah só tinha uma ovelha?

E3: Sim, ela ia com as vacas.

JF: Muito bem, então também tinha vacas, então.

E3: Pois tinha.

JF: E tinha leitinho? E queijo?

E3: Ah pois tinha.

JF: E quem é que fazia?

E3: Eu

JF: E você tirava o leite das vacas?

E3: Não, isso era a minha família que tirava o leite, o meu falecido pai.

JF: E você? Fazia a manteiga, o queijo ou eram eles também?

E3: Era só manteiga.

JF: Era manteiga? e eram vocês que faziam?

E3: Eram, aquilo era pouquinho.

JF: Mas pelo menos dava um bocadinho, não é? E como era a vida na aldeia aqui antigamente? Imagine, você imagine que tem 20 anos? Como é que era?

E3: Tudo no mesmo assim.

JF: É? Mas tinha mais gente?

E3: Aí pois tinha. Raparigas e tudo, a gente andava todas juntas. Para as folhadas e tudo...

JF: O que é que são folhadas?

E3: Era tirar o milho depois.

JF: E cantavam?

E3: Era...

JF: Cantavam? E lembra-se de alguma música?

E3: Música não, não de cabeça.

JF: Não? Mas está-se a lembrar de muita coisa. Muito bem. E a sua família o que é que fazia?

E3: Saímos todos de casa...

JF: E a sua família em que trabalhava era só na Terra, ou o seu pai e a sua mãe tinham outro trabalho?

E3: Não, o meu irmão é que era carpinteiro.

JF: Quem é que era carpinteiro?

E3: O meu irmão.

JF: Aqui em aldeia?

E3: Quem lhe dizia...

JF: E ele fazia coisas para a vossa casa?

E3: Não... fazia coisas... às vezes um bocado de chão que estivesse mais estragadito.

JF: Muito bem, e depois você, que trabalho é que teve depois?

E3: Era limpar.

JF: Era a limpar? Porque depois foi para lisboa, não é? E em que trabalhava?

E3: Trabalhava lá numa fábrica de cortiça.

JF: Muito bem pronto. E agora pensando um bocadinho nisto do Museu de ferreiros, o que é que é o museu para si? Quando pensa num museu, o que é que é?

E3: Um museu é mudar as coisas... Não é?

JF: Pode ser, depende do que que você já... você já foi algum museu?

E3: Não.

JF: não? que é um espaço onde tem assim a mostrar várias coisas do passado...

E3: Não, não tenho ido.

JF: Pronto, então imagine que o museu é um sítio onde dá para entrar e Ver como é que as pessoas viviam antigamente. O que é que você pensa que deveria ter o museu de Ferreiros de Tendaís. Que coisas é que você gostava que tivesse lá?

E3: Em casa?

JF: Imagine que o museu em ferreiros, tem que ser um espelho do povo, não é? de como é que as pessoas viviam antigamente

E3: Pois

JF: Então o que é que você Acha que devia ter um museu?

E3: Aquilo que eu disse, o que havia.

JF: Então deveria ter o quê? Por exemplo, as ferramentas que se usava antigamente que mais?

E3: uma sachola, essas coisas assim.

JF: Muito bem, o que é que tinham na cozinha antigamente? O que é que vocês tinham na vossa Cozinha nos tempos antigos?

E3: Antigamente era o regador para ir a fonte, panelas de ferro para fazer o comer.

JF: E faziam sempre o comer na panela de ferro?

E3: Pois, não havia fogão.

JF: Pois, e na sala, o que que havia na sala?

E3: Na sala havia uma mesa e duas cadeiras.

JF: Tinha sofás?

E3: Não...

JF: E a casa de banho? Era o típico, não é?

E3: Era ca fora num sítio arrumado.

JF: Muito bem, e você gostava de ter um museu aqui em Ferreiros?

E3: Eu... como não ando bem da cabeça tanto faz.

JF: Pois, mas depois, quando tiver feito o museu vamos lá todos. Ver um bocadinho como era a vida antigamente. Muito bem. Então está tudo.

ENTREVISTA MARIA LURDES | ENTREVISTADA 4 | COVELAS

JF: Antes de começar diga-me o seu nome completo

E4: Maria de Lourdes Severinho

JF: Muito bem, Maria Lourdes de...

E4: Severinho

JF: Muito bonito, nunca tinha ouvido antes esse apelido. E de que aldeia é que é?

E4: Eu sou de Covelas

JF: Sempre de Covelas?

E4: Sempre de Covelas, nasci lá.

JF: Muito bem, então você pensando um bocadinho, olhando para trás, como eram os tempos antigos. Imagine um dia normal quando você tinha, quando era pequenininha?

E4: Ah isso era na escola, na catequese...

JF: Você ia à escola aonde? Em Covelas?

E4: Sim, em Covelas. Lá tinha 2 escolas, e era lá.

JF: Tinha duas escolas Covelas?

E4: tinha e tem, duas escolas.

JF: Mas agora estão fechados não é...

E4: Estão fechadas...

JF: Que bonito! Normalmente havia só uma não é.

E4: E a catequese é que era em Ferreiros

JF: e iam sempre para Ferreiros, não é?

E4: E foi lá que fiz a comunhão com 12 anos

JF: Com 12 anos?

E4: Com 10...

JF: bem, imagine quando você começou a trabalhar? O que é que fazia?

E4: Ah o que fazíamos... No campo sempre. Antes de ir para a escola, tínhamos as vacas... eramos as raparigas pronto.

JF: Tinha mais duas irmãs, então.

E4: Tinha mais duas irmãs e meu irmão que trabalha na Madeira com o meu pai. E nós eramos no campo cada uma tinha a sua vaquinha. A quinta era grande, a minha falecida mãe, que tinha 15 anos quando nos teve, era sempre dona de casa. Fazia os almoços, lavava a roupa, arrumava a casa e nós eramos no campo.

JF: E o que é que fazia no campo? Imagine, acordava de manhã, tomava o pequeno-almoço

E4: De manhã, tomávamos o pequeno-almoço e íamos para o campo

JF: E o que é que tomava de pequeno-almoço?

E4: Dantes chamava-se aguinha de ... que era até dos antigos,

JF: Aguinha de...?

E4: De..., fazia-se com manteiga, com um bocadinho de banha de porco, e era assim.

JF: e então o que é que tinha manteiga, banha de porco e água?

E4: E um bocadinho de pão, a minha mãe cozia sempre a broa. Depois vínhamos almoçar, assim arroz com feijão, um bocadinho de bacalhau, o que houvesse...

JF: Claro, o que houvesse... então você tomava o pequeno-almoço...

E4: E depois íamos para o campo

JF: Muito bem então, ia para o campo imagine, pegava na vaquinha

E4: Quando cortávamos erva, levávamos às cortes, tinha que se botar o gado aos vitelinhos, aos filhos. E depois chegava a hora de ir para a escola e depois lavávamos numa bacia, porque não havia

JF: pois era o que havia, era o típico antigamente...

E4: E depois almoçamos alguma coisinha e íamos para a escola

JF: Vocês tinham escola à tarde?

E4: Tínhamos escola de manhã e quando tínhamos à tarde, íamos à tarde.

JF: E imagine, voltava da escola...

E4: Voltávamos da escola e tínhamos os trabalhos que marcassem e tornávamos a ir para o campo. Eu aprendi a jogar cartas, como jogo aqui, fomos os quatro. Nessa altura como

o meu irmão era mais velho, olhava pelo gado, limpamos as hortinhas, limpávamos os campos e no fim de estar tudo feito é que jogávamos *as cartas por isso é que eu aprendi

JF: E que jogos é que jogavam?

E4: Jogávamos tudo o que a gente sabia, o burro, a sueca ou a visca, foi assim que aprendi

JF: O que ainda se joga né

E4: É, o meu irmão era mais velho e ensinava...

JF: Então e o seu pai trabalhava na madeira.

E4: O meu irmão começou a namoriscar... andar com, como eu digo andar a namoriscar e ele lá ia com o meu pai para a madeira e ficávamos nós as três e a minha mãe, lá íamos levar o almoço porque ele tinha que cortar madeira, vinham aqueles camiões carregados, como vem assim com a pedra, vinha assim em madeira.

JF: E era o seu pai e o seu irmão?

E4: O meu pai e os trabalhadores naquele tempo, era 25 tostões, não é como agora. 25 tostões agora como é? Porque eu sou desse tempo!

JF: Claro, antigamente era uma forma diferente.

E4: Depois tinha lá uma vizinha minha que fazia docinhos e levava ao povo...

JF: Ah e você vendia os docinhos?

E4: Essa senhora fazia ara dar de prenda, era uma senhora que se chamava dona Mariazinha que morava lá em Covelas à beira do falecido Álvaro

JF: ah já ouvi falar do Sr. Álvaro...

E4: E eu ia lá levar os bolos, mas era cada bolo.

JF: Mas bolos de que? Tipo os amanteigados?

E4: Não, não... Bolos mesmo destes bons, tipo de noiva, tinha muito eito. Quando faleceu já tinha quase 100 anos. Eu já tenho cinquenta e três, feitos. Ainda sou do tempo dos 25

tostões. E 5 tostões. Por isso é ver quanto valia esse dinheiro... Esse dinheiro agora não vale nada.

JF: vai mudando tudo, não é...

E4: Depois é que a vida começou a melhorar... O meu irmão casou e assim. Pronto, quando a minha mãe faleceu eu tinha 15 anos. Mas mais de resto, passamos sempre...

JF: Tentou trazer o melhor

E4: por isso é que agora não pode, tanto trabalhou, nem tem dentes

JF: Mas quantos anos é que ele tem?

E4: Oitenta e cinco... Mas agora tratam os dentes em qualquer lado. Agora estas máquinas fazem esses caminhos

JF: antigamente era tudo a mão...

E4: Era tudo às costas! Era tudo cortado, tudo, acartado as costas ou a cabeça. Era sachar o milho... Não era assim

JF: e quando você trabalhava no campo com as suas irmãs costumava cantar alguma música?

E4: Ah isso nos tínhamos sempre música. Naquele tempo já tínhamos radio, a gente ia sachar o milho...

JF: Lembra-se de alguma música?

E4: lembro-me daquelas músicas que dava na novela, que deu a primeira novela, não me lembro qual era o nome

JF: e de é que era a novela?

E4: e a gente ouvia no radio, quando a gente não tinha televisão

JF: Claro porque primeiro ainda estive o radio.

E4: Mas andava-se a sarchar ou a semear e nos nunca andávamos. a ouvir, trabalhava-se e ouvia-se. Depois é que começou a melhorar, íamos àquelas festas, começamos a ir aos leilões, o meu pai fez a festa em Covelas.

JF: Ah ele é que fazia a festa?

E4: Sim, ele fez a festa muitos anos em Covelas. O meu pai tinha dois tratores

JF: Uma pessoa começa a crescer, começa a melhorar...

E4: Começamos também a namorar...

JF: Claro! Muito bem. E então, você quando foi um bocadinho mais velha, sei lá aos seus 20, 30, que trabalho fez?

E4: Depois fui para o porto, para a casa de uma senhora que era lá vizinha.

JF: e o que é que fazia?

E4: cuidava de crianças, olhava por ela que ela teve um enfarte, mas era tudo diferente, era tudo prédio. Já era outro mundo, mas para ser sincera não me importava de voltar ao tempo antigo.

JF: Ai é, mas o tempo lá no Porto ou aqui?

E4: mesmo aqui, é diferente uma pessoa aqui era alegre tinha para aí umas 15 pessoas para um campo, cantávamos. Depois os outros de Vila de Muro que também andavam lá, ouviam-nos a nos cantar e também cantavam...

JF: Os de vila de muro que são a aldeia à frente de Covelas? E vocês ouviam os outros a cantar?

E4: É, do outro lado. E nos cantávamos e acabamos o serviço e íamos para outra vizinha. Tudo ajudava

JF: ajudavam em todos os campos.

E4: Era... Agora, não se vê fazer campos como era antigamente, não se vê festas como era antigamente. Fazia-se tudo...

JF: e esta menos gente agora também

E4: é muito diferente. Antes era uma maravilha, Toda a gente tudo se ria agora já não se pode falar para uma pessoa, pensam outras coisas. Eu não me importava de voltar.

JF: então temos é que fazer para que isso volte, encher as aldeias com mais gente.

E4: Agora filha, há algumas pessoas que tem sete ou oito, outras que não quer nenhum, outras que quer só um e...

JF: É, mas o importante é trazer as pessoas que querem vir aqui para as aldeias... Nós viemos não é, há mais que querem vir, por isso... é pouquinho a pouco

E4: oxalá que sim

JF: vai ser vai ser. Olhe, agora pensando um bocadinho no museu, não é. Pensando que o museu que vamos fazer em ferreiros, seja assim uma prova e que sejam um espelho do que eram as casas antigamente, o que que você, o que que é para si o museu? Quando você pensa num museu o que é que pensa?

E4: eu gostava que houvesse, mas antigamente era tudo de como, não era assim como há agora. Quem tivesse coisas antigas, como se vê muita gente, invejoso. Que tivesse coisas antigas e que desse um jeitinho para lá as por, aí...

JF: Ui! Está cheio de coisas já, você vai ver quando nós conseguimos montar tudo

E4: Isso aí dava gosto a pessoa recordar as coisas antigas

JF: então faz sentido para si, gostava de ter assim um museu?

E4: Eu gostava, de na nossa Terra termos isso então.

JF: Tem muitas coisas.

E4: Como se vê na televisão, os sítios são bonitos que vão visitar, no porto tinha. Tinha lá perto. Eu ia com um vizinho que era meu, morava no sétimo andar. Eu estava no segundo. E ele trabalhava nisso e depois a gente pedia à patroa e íamos.

JF: Muito bem então vamos trazer para aqui. E pensando outra vez no museu, de que forma ou o que é que você acha que deveria ter o museu para sentir que mostrava o que

os antigos de Ferreiros de Tendais, não é, como é que era, o que é que usavam. O que acha que deveria ter o museu? Pense que vai ser uma casa antiga.

E4: Assim de repente...

JF: pense assim, é uma casa antiga, aquilo vai ser a copiar uma casa antiga. Como se vivia antigamente, com uma sala antiga... Como é que era a sua sala?

E4: Com uma cozinha... Para amassar a broa, um forninho para meter o pão para dentro. Antigamente era assim.

JF: E na sala, como era a sua sala, lembra-se?

E4: Tinha a mesa, a loiça, as cadeiras

JF: não tinha sofá, tinha cadeira

E4: Cadeira tinhas, sofá não. Agora tenho, mas antigamente não.

JF: E os quartos, o que é que tinham?

E4: Cama, a cabeceira e a minha mãe gostava muito punha uns bonecas encima da cama. As minhas tias davam-nos as bonequinhas e a minha mãe punha sempre deitavas nas camas. Em cada cama tinha uma bonequinha que ela nos deixava pegar. Lá nisso a minha mãe tinha muito cuidado.

JF: Lurdes, muito obrigada!

—

ENTREVISTA SR. JULIO | ENTREVISTADO 5 | RUIVAIS

JF: pronto, diga-me o seu nome.

E5: O meu nome, Júlio Rodrigues Severinho.

JF: Severinho?

E5: eu já andei na minha escola com a minha falecida mulher. Andei, aprendi tudo.

JF: Aonde é que andou na escola?

E5: Em Covelas

JF: em Covelas, você é de que ano? quantos anos tem? Tem 70, 80?

E5: Não sei... Eu fui aos campos.

JF: o que é que fazia no campo?

E5: e agora, agora aí para baixo e à minha mulher que está em Ruivais na nossa senhora de milagres e venho, como e deito-me.

JF: Muito bem. No passado, nos dias antigos, você o que é que fazia? Acordava de manhã e ia trabalhar?

E5: Antigamente, era duro. Foi no tempo de Salazar eu nasci em 1930, tenho 83 anos e a minha irmã a mesma coisa. E eu, sabe o que é que foi o meu trabalho? O meu trabalho quando era pequenito era ir com as vacas lá para cima e ia para a escola. E depois a escola antigamente não era como agora, lanchar. Pronto, depois ia-se lá as vacas e no tempo de Salazar. Havia fome, e não havia... só eu nasci aqui em baixo numa povoação, demorava-se uma horita a lá chegar...

JF: como é que se chama?

E5: Prelada. E eu nasci lá e de maneira, era assim, uma trancha as costas e a acartar paus e não havia estrada, antigamente, ia lá para cima para Tendais levar areia

JF: Areia, para quê?

E5: Que era para fazer obras. E, depois, vinha com uma máquina e andava sempre assim. E depois andei então, em Cinfães, lá convenci a minha mulher, casei em Cinfães do douro.

JF: quando você casou o que fazia? No que é que trabalhava?

E5: Eu trabalhava em podas e em dias.

JF: e como é que ia?

E5: E fazia as terras

JF: E que terras fazia?

E5: Fazia por Cinfães, e quando o meu irmão esteve lá fora cheguei aí e depois movei-me para ali e tinha as vacas minhas e fui para lá e tive lá 23 anos. E depois de 23 anos fui para Ruivais, para a nossa senhora dos milagres. Comprei lá duas casas, dei lá uma olhada e passei lá a minha vida.

JF: E morava aonde, em Prelada ou em Ruivais?

E5: Eu andava de terras em terras. Estive aqui 23 anos, aqui em baixo.

JF: Em castro cio?

E5: Sim, 23 anos e depois dali eu casei-me em Cinfães depois tive 3 anos alem, depois três anos na pontinha lá de baixo e depois 3 anos lá para cima de Ruivais e andava assim porque as terras não eram minhas.

JF: Claro e morava nas terras? Mudava sempre de casa?

E5: Sempre! Eu trabalhava dia a dia e trabalhava como qualquer um homem.

JF: Muito bem, e quantas vacas tinhas?

E5: Eu cheguei a ter cinco, mas mais tarde só tinha duas.

JF: Mas cinco são muitas

E5: Agora já deixei tudo. E tocava concertina!

JF: E tocava concertina em casa ou na banda?

E5: Não, ia fazer os leiloes a valverde e depois nas folhadas, ganhava três contos

JF: o que é os leiloes?

E5: Eu tocava a concertina só, acompanhava as coisas. Tocava gaita. Deixava as vacas e ia trabalhar para o campo que antigamente não havia trator.

JF: A sua casa, como é que era? Onde era a cozinha?

E5: a cozinha era assim chegada, tem um andar por cima e é um andar por baixo com uma chaminé para ir para cima.

JF: e como era as salas? Antigamente?

E5: agora já é diferente é tijoleira

JF: Mas antigamente?

E5: era de soalho de tabua

JF: e tinha uma mesa?

E5: tinha uma mesa, loiça, para quando vinha a família fazíamos o jantar matávamos o anho e comíamos.

JF: nos queremos fazer o museu, que é um sítio que nos vai mostrar como se vivia antigamente. Uma pessoa entre e que tenha uma cozinha antiga, uma sala antiga, um quarto antigo... você gostava de ter um sítio em ferreiros que mostrara como se vivia antigamente?

E5: Eu gosto de tudo o que lá estiver eu gosto de tudo.

Anexo III (Grelha análise entrevistas)

	E1	E2	E3	E4	E5
PERCEPÇÃO DO PROBLEMA	“Porque eu às vezes mostro uma peça daquelas E digo à minha filha, sabes o que é isto? Não. sabe para que isto serve, não, não é? A ideia é não deixar perder o conhecimento é, sabe que.” “Há poucos [Museus], há poucos e é pena, porque nós temos coisas bonitas mesmo”			“Antes era uma maravilha, Toda a gente tudo se ria agora já não se pode falar para uma pessoa, pensam outras coisas. Eu não me importava de voltar.”	

	“Pois, tive que comprar [elementos do museu], é assi. Não posso, não posso gastar muito dinheiro. A associação é pequenina, tem poucos sócios” “[Há] um carro de vacas, um carro de Madeira à venda, só que eu ainda o não compro, porque não tenho onde guardar” “Eu o futuro do Museu, não está fácil. Porque não há muita Gente a				
--	---	--	--	--	--

	colaborar, as pessoas têm as.” “Pronto, eu até já tenho lá um espaço para comprar, mas são 30.000 euros. É uma casa em pedra, em Ferreiros. tem por baixo uma adega, um lagar, mas 30000 euros são 30000 euros e sem ajudas não consigo.” “O nosso espaço é muito curto. Ali o adro da Igreja é muito Pequeno. Se chove, a				
--	---	--	--	--	--

	gente não tem onde se proteger, nada, não é? Precisamos realmente de um largo, de um espaço grande ou salão. Um salão, onde a gente podia fazer uma noite de fados uma peça de teatro...” “Há uma falta ali [de sentido de comunidade], até isso se perdeu com O Tempo, que as pessoas eram muito mais unidas, muito mais amigas, conviviam				
--	--	--	--	--	--

	mais e agora estão mais fechadas,”				
EXPECTATIVAS DE SOLUÇÃO	“Mas a ideia é criar uma sala onde se possa expor as peças, não. É depois, terem acesso ao Público.” “Propósito, era não deixar perder os usos, os costumes da Terra” “Vou dizer se as pessoas não vão à cultura, tem que se trazer a cultura as pessoas” “Um museu é um espaço, um espaço		“Um museu é mudar as coisas...”	“Isso aí dava gosto a pessoa recordar as coisas antigas” “Eu gostava, de na nossa Terra termos isso então.”	“Eu gosto de tudo [do museu] o que lá estiver eu gosto de tudo.”

	onde, pronto se pode ver e apreciar é coisas Antigas coisas que já estejam em vias de extinção (...) Pronto e basicament e é isso, é preservar o património”				
COMO SE SENTIRIAM REPRESENTAD OS	“O nosso serão era à luz da Candeia, que é que a gente fazia, com aquela luz pequeninin ha, estávamos todos ali naquele ambiente meio escuro e era assim que a gente		“[Dever ia ter] uma sachola, essas coisas assim.”	“e a gente ouvia no radio, quando a gente não tinha televisão” “para aí umas 15 pessoas para um campo, cantávamo s. Depois os outros de Vila de	“E tocava concertina! (...) Não, ia fazer os leiloes a valverde e depois nas folhadas, ganhava três contos”

	passava os serões, não é? E é baseado nessas peças nessas recordações ” “Tudo, tudo! Desde as peças da agricultura, as peças da cozinha, a traje. Gostava de ver lá tudo. Gosto dos trajes da Serra que era a tradicional capucha, a carroça que era feita com palha, que era uma capa com palha, que é que é			Muro que também andavam lá, ouviam-nos a nos cantar e também cantavam ...” “eu gostava que houvesse, mas antigamente era tudo de como, não era assim como há agora. Quem tivesse coisas antigas, como se vê muita gente, invejoso. Que tivesse coisas antigas e que desse	
--	---	--	--	---	--

	lindíssimo, pronto”			um jeitinho para lá as por, aí...”	
ELEMENTOS DO MUSEU	“Ora a minha ideia era fazer uma parte rural, com as coisas rurais, outra parte mais senhorial com aquelas coisas que os senhores mais ricos usavam porque os pobres não usavam o mesmo que os ricos não é.” “e depois ter uma parte em que não só da Terra, mas tudo que é antigo, de outras terras, de		“[As folhadas] era para tirar o milho depois” “regado r para ir a fonte, panelas de ferro para fazer o comer. (...) Pois, não havia fogão.” “Na sala havia uma mesa e duas cadeiras .”	“Com uma cozinha... Para amassar a broa, um forninho para meter o pão para dentro.” “Tinha a mesa, a loiça, as cadeiras” “Cadeira tinham, sofá não.” “: Cama, a cabeceira e a minha mãe gostava muito punha uns bonecas encima da cama. As minhas tias davam-nos	“a cozinha era assim chegada, tem um andar por cima e é um andar por baixo com uma chaminé para ir para cima.” “[A sala] era de soalho de tabua.” “tinha uma mesa, loiça, para quando vinha a família fazíamos o jantar matávamos o anho e comíamos.”

	outras... Fazer ali uma mistura do nosso e de Bragança, Alentejo. Sei lá, peças soltas, coisas que eu lembro é que tem uma história.” “A carroça de palha, as pessoas usavam no Inverno, porque aquilo aquecia e não deixava entrar a água.”			as bonequinh as e a minha mãe punha sempre deitavas nas camas. Em cada cama tinha uma bonequinh a que ela nos deixava pegar.”	
DESCRIÇÃO DA CULTURA ANTIGA DE FERREIROS DE TENDAS	“A gente levantava se sempre que o sol nascia, saltava tudo da cama, não é no	“o meu pai era carpinteir o e eletricista e fazia de tudo e	“[Ia] para os campos. (...) Tinha ovelhas,	“No campo sempre. Antes de ir para a escola, tínhamos as vacas....	“Antigamen te, era duro. Foi no tempo de Salazar eu nasci em 1930, tenho

	Verão, porque era para aproveitar a hora mais fresca, Não é. Pronto eu ia com as vacas para o monte, outros iam cortar erva, outros iam apanhar milho (...) Achando naqueles momentos bocadinhos para brincar, não é, mas não era fácil.” “Eu com 7,8 anos, não andava a cavar, mas apanhar erva, apanhava lenha, apanhava uvas,	marceneiro, fazia de tudo.” “É, a gente trabalhava na Terra porque tinha que ser” “Cavar, semear as coisas, sacar, os milhos e assim.” “E pronto vivia assim, depois tivemos muito tempo a fazer terras nas terras de fora Claro. (...) Era metade para os patrões e	tinha vacas” “a gente andava todas juntas. Para as folhadas e tudo...” “	Éramos as raparigas pronto.” “E um bocadinho de pão, a minha mãe cozia sempre a broa. Depois vínhamos almoçar, assim arroz com feijão, um bocadinho de bacalhau, o que houvesse ...” “Quando cortávamos erva, levávamos às cortes, tinha de se botar o gado aos vitelinhos, aos filhos.	83 anos e a minha irmã a mesma coisa. E eu, sabe o que é que foi o meu trabalho? O meu trabalho quando era pequenito era ir com as vacas lá para cima e ia para a escola” “[Eu] fazia as terras” “Depois tive 3 anos alem, depois três anos na pontinha lá de baixo e depois 3 anos lá para cima de Ruivais e andava assim porque as
--	--	--	---	--	---

	apanhava feijões” “[Comíamos] Um bocadinho de bacalhau um bocadinho sardinhas, carne raramente se comia, só quando se matava o porco” “O pai é meu pai, trabalhava, meu pai era carpinteiro, trabalhava com Madeira e trabalhava muito fora e pronto, a minha mãe ficava e as minhas irmãs. E ele ficava em casa quando havia	metade para nós. ”		E depois chegava a hora de ir para a escola e depois lavávamos numa bacia, porque não havia” “Jogávamos tudo o que a gente sabia, o burro, a sueca ou a visca” “. Agora estas máquinas fazem esses caminhos [antes era tudo à mão] (...): Era tudo às costas! Era tudo cortado, tudo,	terras não eram minhas. “
--	--	----------------------------------	--	--	----------------------------------

	aqueles trabalhos mais pesados, eram elas que faziam. Era o trabalho das mulheres.”			acartado as costas ou a cabeça. Era sachar o milho... Não era assim “Mas andava-se a sachar ou a semear e nos nunca andávamos ... a ouvir, trabalhava- se e ouvia- se. Depois é que começou a melhorar, íamos àquelas festas, começamo s a ir aos leilões, o meu pai fez a festa em Covelas.”	
--	---	--	--	---	--

Anexo IV (Questionário para o Museu de Ferreiros de Tendaís)

Obrigada por estares a tomar o tempo para responder a este questionário. A Associação para o Desenvolvimento e Cultura de Ferreiros de Tendaís (ADCFT) e a Casa d'Abóbora têm como propósito abrir um museu que seja a cara das gentes de Ferreiros de Tendaís e por isso mesmo queremos ouvir um bocado de ti para que o museu seja um espaço onde todos os fregueses se sintam incluídos.

PERGUNTAS:

1. DE QUE ALDEIA ÉS?

2. QUANTOS ANOS TENS?

3. GÉNERO

☐ Feminino

☐ Masculino

4. O QUE É UM MUSEU PARA TI?

5. O QUE GOSTAVAS QUE TIVESSE O MUSEU PARA MOSTRAR A CULTURA DE FERREIROS DE TENDAIS?

6. SE PREFERIRES, PODES DEIXAR O TEU NOME:

7. COMENTÁRIOS ADICIONAIS:

Anexo V (Grelha análise questionários)

Nº	O que é um museu?	Como sentiriam representados?
1	Algo top	Tudo o que represente a freguesia
2	Local onde conseguimos sentir a história, que retrate e nos faça recordar quem viveu e como viveu quem cá esteve antes de nós. História essa sem revisionismo, para que nos possamos orgulhar do que de bem se fez e não repetir o que se fez de mal.	Artigos, documentos e testemunhos do que foi a freguesia e até de certo modo podia estender aos hábitos e costumes da população que habitou nesta margem do Bestança.
3	É um local que preserva o melhor que há naquele local.	Acessórios do antepassados, fotografias de antigamente, de pessoas que simbolizaram muito para a freguesia
4	É a forma como eternizados e mostramos a cultura e os valores materiais e imateriais da humanidade preservando o espaço, o tempo e as memórias dos tempos ou fases idas.	Além de ter a memória das pessoas da terra que são o maior património da freguesia deveria ter igualmente as tradições e costumes antigos
5	E uma " casa " onde podemos ver o que era o tempo antigamente	Tudo o que tivesse com a nossa cultura
6	É um sítio onde se pode ver arte	Tudo um pouco
7	Local que mostra a história e cultura da nossa localidade.	O melhor que os fregueses de Ferreiros de Tendais têm para mostrar. Desde cultura enraizadas na agricultura, na pastorícia, às comidas típicas. Mostrar a alma do povo e de que o mesmo é feito. Mostrar a sua história
8	É muito importante	Muita coisa, mas de preferência mais espaço, é melhor acesso
9	Um local de proximidade com as gentes e culturas passadas	Objectos de interesse histórico da freguesia e dos nossos antepassados
10	É um lugar onde representa história e cultura	Gastronomia, Agricultura / costumes da freguesia
11	Um sítio de paz e estudos	Instrumentos musicais da banda de Ferreiros de tendais
12	É a partilha de memórias! A recordação e o reviver o passado!	Sendo a Freguesia uma terra essencialmente agrícola e vinícola tudo o que representa a labuta de outrora sem esquecer a Forja de Ferreiro que havia e deu o nome à freguesia
13	Um lugar de história	Artigos de lavoura
14	É lembranças do passado	Peças e artigos de agricultura e de cozinha
15	Uma sala onde tem, uma importância para a cultura	As nossas tradições
16	É um lugar onde expomos o percurso histórico cultural, arquitectónico desde a criação até à atualidade do objeto dessa exposição, seja uma cultura, civilização, ideologia do outro fim a que se proponha.	A evolução dos hábitos e costumes locais a nível de roupas, instrumentos de trabalho, a história de toda a freguesia com fotos alusivas, fotos dos monumentos históricos, assim como arte antiga existente na freguesia.
17	Museu é na definição, uma instituição permanente sem fins lucrativos, a serviço da sociedade e do seu desenvolvimento, aberto ao público.	Cultura e conhecimento de livros, objetos com história
18	Local onde se encontra tudo ligado à história da freguesia de Ferreiros de Tendais	Tudo ligado à história da freguesia

CATÁLOGO MUSEU DE FERREIROS DE TEND AIS

Figura 1 – AÇAFATE	117
Figura 2 – AÇUCAREIRO.....	118
Figura 3 - ALAMBIQUE	118
Figura 4 - ALFAIA AGRÍCOLA	119
Figura 5 - ALICATE	119
Figura 6 - ALICATES DE CORTE.....	119
Figura 7 - ALMOFARIZ	120
Figura 8 - ALMOTOLIA.....	120
Figura 9 - ALMOTOLIA PARA AZEITE	121
Figura 10 - ARRASTADEIRA.....	121
Figura 11 - BALANÇA AGRICULTURA	122
Figura 12 - BALANÇA MERCEARIA	122
Figura 13 - BALDE DE MADEIRA	123
Figura 14 - BALDE	123
Figura 15 - BANDEJA ESTANHO	124
Figura 16 - BAÚ DE PALHA	124
Figura 17 - BAÚ	125
Figura 18 - BRASEIRA.....	125
Figura 19 - BRESA	126
Figura 20 - BRINQUEDO DE MADEIRA	126
Figura 21 - CABAÇAS	126
Figura 22 - CAFETEIRA	127
Figura 23 - CAIXA DE CARPINTEIRO	127
Figura 24 - CAMPAINHA DE CASA	128
Figura 25 - CANDEEIRO A PETRÓLEO	128
Figura 26 - CANDEEIRO DE VIDRO A PETRÓLEO	129
Figura 27 - ABAJUR DE PALHA	129
Figura 28 - CANDEEIRO DE PAREDE	130

Figura 29 - CANDEEIRO DE PETRÓLEO - ESTANHO	130
Figura 30 - CANDEEIRO DE PETRÓLEO	131
Figura 31 - CANDEEIRO DE PETRÓLEO - VIDRO.....	131
Figura 32 - CANDEIA DE AZEITE	132
Figura 33 - CANDEIA DE AZEITE	132
Figura 34 - CÂNTARO	133
Figura 35 - CAPUCHA	133
Figura 36 - CESTA.....	134
Figura 37 - CESTO DECORATIVO.....	134
Figura 38 - CESTO.....	135
Figura 39 - CHALEIRA	135
Figura 40 - CHALEIRA	136
Figura 41 - CHALEIRA	136
Figura 42 - CHAVES	137
Figura 43 - CHAVES	137
Figura 44 - CINZEIRO DE PEDRA	138
Figura 45 - CINZEIRO.....	138
Figura 46 - COPOS DE MEDIDA GRANEL	139
Figura 47 - COPOS DE VIDRO	139
Figura 48 - COPOS PARA PRODUTO A GRANEL.....	140
Figura 49 - CORNO DE OVELHA.....	140
Figura 50 - MÁQUINA PARA ENCADERNAR.....	141
Figura 51 - ENCHIDOS TÍPICOS (DECORAÇÃO)	141
Figura 52 - ENGARRAFADORA.....	142
Figura 53 - PLAINA.....	142
Figura 54 - PLAINA.....	143
Figura 55 - ENXÔ	143
Figura 56 - ESCUDELA	143
Figura 57 - FACA DE RASPAR - PARA LIMPAR.....	144
Figura 58 - FECHO DE PORTA.....	144
Figura 59 - FERRO DE ENGOMAR.....	145
Figura 60 - FERROS DE ENGOMAR CARVÃO	145
Figura 61 - FIO DE PRUMO	146
Figura 62 - FISGA.....	146

Figura 63 - FOGÃO A PETRÓLEO	147
Figura 64 - FOGÃO A PETRÓLEO	147
Figura 65 - FOICINHA	148
Figura 66 - FORMÃO	148
Figura 67 - GADANHAS	148
Figura 68 - GALHETEIRO	149
Figura 69 - GARFOS DE FERRO	149
Figura 70 - GARRAFA DE VIDRO	150
Figura 71 - GARRAFA DE VIDRO	150
Figura 72 - GARRAFÃO DE VIDRO	151
Figura 73 - GASÓMETRO	151
Figura 74 - GIGA	152
Figura 75 - JARRO DE ÁGUA PARA CASA DE BANHO	152
Figura 76 - JARRO DE ÁGUA	153
Figura 77 - LAMPIÃO	153
Figura 78 - LANCHEIRA DE PALHA	154
Figura 79 - LAVATÓRIO ANTIGO	154
Figura 80 - LEITEIRA	155
Figura 81 - LOIÇA DE BARRO	155
Figura 82 - LOUCEIRO	156
Figura 83 - MÁQUINA DE CORTA CABELO	156
Figura 84 - MÁQUINA DE COSTURA	157
Figura 85 - MATA BORRÃO	157
Figura 86 - MEDIDA EM COBRE	158
Figura 87 - MEDIDAS PARA MEDIÇÃO DE RASA	158
Figura 88 - MENINO JESUS EM MARFINITE	159
Figura 89 - METRO	159
Figura 90 - MOLAS	160
Figura 91 - MOLDURA ESPELHO ANTIGO	160
Figura 92 - NAPRON E PANOS ANTIGOS	161
Figura 93 - NAVALHA	161
Figura 94 - PANEAS DE FERRO	162
Figura 95 - PÉ DE CANDEEIRO	162
Figura 96 - PENEIRA	163

Figura 97 - PENICOS.....	163
Figura 98 - PESOS PARA BALANÇA	164
Figura 99 - PESOS PARA BALANÇA	164
Figura 100 - PETROMAX	165
Figura 101 - PETROMAX	165
Figura 102 - PIAÇABA.....	166
Figura 103 - PIÃO	166
Figura 104 - PICADOR DE CARNE	167
Figura 105 - PIPO.....	167
Figura 106 - POTE	168
Figura 107 - POTE DE BARRO	168
Figura 108 - POTE PARA FEIJÃO	169
Figura 109 - POTES DE BARRO	169
Figura 110 - PRATOS DE BARRO	170
Figura 111 - PRATOS E MALGAS LOIÇA	170
Figura 112 - RALADOR DE CARNE	171
Figura 113 - REGADOR	171
Figura 114 - REGADOR	172
Figura 115 - RELÓGIO	172
Figura 116 - SALADEIRA.....	173
Figura 117 - SELHA PARA O VINHO	173
Figura 118 - SERRA PARA PALHA	174
Figura 119 - SERROTE DE MADEIRA.....	174
Figura 120 - SOCOS	175
Figura 121 - TAÇA PARA CHAVES.....	175
Figura 122 - TALHA DE AZEITE	176
Figura 123 - TELEFONE ANTIGO	176
Figura 124 - TELEFONE ANTIGO	177
Figura 125 - TELEFONE ANTIGO	177
Figura 126 - TERMO	178
Figura 127 - TERRINAS.....	178
Figura 128 - TESOURA DA PODA	179
Figura 129 - TESOURAS.....	179
Figura 130 - TINTEIRO EM LATÃO	180

Figura 131 - TINTEIRO 180

Figura 132 - VASO PARA PLANTA 181

Figura 133 - VITRINE 181

\ \\\

\\\\\\\\\\\\\\\\\\\\



Figura 17 – AÇAFATE



Figura 18 – AÇUCAREIRO



Figura 19 - ALAMBIQUE



Figura 20 - ALFAIA AGRÍCOLA



Figura 21 - ALICATE



Figura 22 - ALICATES DE CORTE



Figura 23 - ALMOFARIZ



Figura 24 - ALMOTOLIA



Figura 25 - ALMOTOLIA PARA AZEITE



Figura 26 - ARRASTADEIRA



Figura 27 - BALANÇA AGRICULTURA



Figura 28 - BALANÇA MERCEARIA



Figura 29 - BALDE DE MADEIRA



Figura 30 - BALDE



Figura 31 - BANDEJA ESTANHO



Figura 32 - BAÚ DE PALHA



Figura 33 - BAÚ



6

Figura 34 - BRASEIRA



Figura 35 - BRESA



Figura 36 - BRINQUEDO DE MADEIRA



Figura 37 - CABAÇAS



Figura 38 - CAFETEIRA



Figura 39 - CAIXA DE CARPINTEIRO



Figura 40 - CAMPAINHA DE CASA



Figura 41 - CANDEEIRO A PETRÓLEO



Figura 42 - CANDEEIRO DE VIDRO A PETRÓLEO



Figura 43 - ABAJUR DE PALHA



Figura 44 - CANDEEIRO DE PAREDE



Figura 45 - CANDEEIRO DE PETRÓLEO - ESTANHO



Figura 46 - CANDEEIRO DE PETRÓLEO



Figura 47 - CANDEEIRO DE PETRÓLEO - VIDRO



Figura 48 - CANDEIA DE AZEITE



Figura 49 - CANDEIA DE AZEITE



Figura 50 - CÂNTARO



Figura 51 - CAPUCHA



Figura 52 - CESTA



Figura 53 - CESTO DECORATIVO



Figura 54 - CESTO



Figura 55 - CHALEIRA



Figura 56 - CHALEIRA



Figura 57 - CHALEIRA



Figura 58 - CHAVES



Figura 59 - CHAVES



Figura 60 - CINZEIRO DE PEDRA



Figura 61 - CINZEIRO



Figura 62 - COPOS DE MEDIDA GRANEL



Figura 63 - COPOS DE VIDRO



Figura 64 - COPOS PARA PRODUTO A GRANEL



Figura 65 - CORNO DE OVELHA



Figura 66 - MÁQUINA PARA ENCADERNAR



Figura 67 - ENCHIDOS TÍPICOS (DECORAÇÃO)



Figura 68 - ENGARRAFADORA



Figura 69 - PLAINA



Figura 70 - PLAINA



Figura 71 - ENXÔ



Figura 72 - ESCUDELA



Figura 73 - FACA DE RASPAR - PARA LIMPAR



Figura 74 - FECHO DE PORTA



Figura 75 - FERRO DE ENGOMAR



Figura 76 - FERROS DE ENGOMAR CARVÃO



Figura 77 - FIO DE PRUMO



Figura 78 - FISGA



Figura 79 - FOGÃO A PETRÓLEO



Figura 80 - FOGÃO A PETRÓLEO



Figura 81 - FOICINHA



Figura 82 - FORMÃO



Figura 83 - GADANHAS



Figura 84 - GALHETEIRO



Figura 85 - GARFOS DE FERRO



Figura 86 - GARRAFA DE VIDRO



Figura 87 - GARRAFA DE VIDRO



Figura 88 - GARRAFÃO DE VIDRO



Figura 89 - GASÓMETRO



Figura 90 - GIGA



Figura 91 - JARRO DE ÁGUA PARA CASA DE BANHO



Figura 92 - JARRO DE ÁGUA



Figura 93 - LAMPIÃO



Figura 94 - LANCHEIRA DE PALHA



Figura 95 - LAVATÓRIO ANTIGO



Figura 96 - LEITEIRA



Figura 97 - LOIÇA DE BARRO



Figura 98 - LOUCEIRO



Figura 99 - MÁQUINA DE CORTA CABELO



Figura 100 - MÁQUINA DE COSTURA



Figura 101 - MATA BORRÃO



Figura 102 - MEDIDA EM COBRE



Figura 103 - MEDIDAS PARA MEDIÇÃO DE RASA



Figura 104 - MENINO JESUS EM MARFINITE



Figura 105 - METRO



Figura 106 - MOLAS



Figura 107 - MOLDURA ESPELHO ANTIGO



Figura 108 - NAPRON E PANOS ANTIGOS



Figura 109 - NAVALHA



Figura 110 - PANELAS DE FERRO



Figura 111 - PÉ DE CANDEEIRO



Figura 112 - PENEIRA



Figura 113 - PENICOS



Figura 114 - PESOS PARA BALANÇA



Figura 115 - PESOS PARA BALANÇA



Figura 116 - PETROMAX



Figura 117 - PETROMAX



Figura 118 - PIAÇABA



Figura 119 - PIÃO



Figura 120 - PICADOR DE CARNE



Figura 121 - PIPO



Figura 122 - POTE



Figura 123 - POTE DE BARRO



Figura 124 - POTE PARA FEIJÃO



Figura 125 - POTES DE BARRO



Figura 126 - PRATOS DE BARRO



Figura 127 - PRATOS E MALGAS LOIÇA



Figura 128 - RALADOR DE CARNE



Figura 129 - REGADOR



Figura 130 - REGADOR



Figura 131 - RELÓGIO



Figura 132 - SALADEIRA



Figura 133 - SELHA PARA O VINHO



Figura 134 - SERRA PARA PALHA



Figura 135 - SERROTE DE MADEIRA



Figura 136 - SOCOS



Figura 137 - TAÇA PARA CHAVES



Figura 138 - TALHA DE AZEITE



Figura 139 - TELEFONE ANTIGO



Figura 140 - TELEFONE ANTIGO



Figura 141 - TELEFONE ANTIGO



Figura 142 - TERMO



Figura 143 - TERRINAS



Figura 144 - TESOURA DA PODA



Figura 145 - TESOURAS



Figura 146 - TINTEIRO EM LATÃO



Figura 147 - TINTEIRO



Figura 148 - VASO PARA PLANTA



Figura 149 - VITRINE